

Trinta por uma linha

Expressões idiomáticas ilustradas - um projeto

Trinta por uma linha

Expressões idiomáticas ilustradas - um projeto

Marina Raquel Teixeira Moreira

Relatório de projeto apresentado à Faculdade de Belas Artes da Universidade
do Porto para a obtenção do grau de Mestre em Design de Imagem,
sob a orientação do Professor Emílio Remelhe

Setembro de 2021

Agradecimentos

A todas as pessoas que de forma direta e indireta contribuíram para o desenvolvimento deste projeto.

Ao Professor Emílio Remelhe, meu orientador neste projeto, pelas valiosas sugestões e ensinamentos transmitidos dedicadamente no decorrer da investigação.

Aos meus colegas Beatriz e Miguel pela cumplicidade, sentido crítico e entusiasmo em todas as fases deste percurso.

À minha família pelo apoio imensurável. À minha mãe, simplesmente por tudo em todos os momentos. Aos meus avós e ao meu pai que de forma descontraída me ensinaram a valorizar a memória pelas histórias de outros tempos.

Resumo

O presente projeto recolhe expressões idiomáticas da cultura popular portuguesa, partindo da motivação de contínua valorização deste nosso património. Neste sentido, o nosso trabalho recorre à ilustração como meio de comunicação visual para contribuir para a valorização e difusão desta importante expressão da nossa cultura, na articulação entre a palavra e a imagem.

Para tal, nesta investigação procura-se saber que conteúdo existe em torno do tema em análise e em que configurações pode a imagem contribuir para a comunicação e divulgação deste nosso património vivo.

A vertente metodológica deste projeto, é iniciada no contexto local de matriz rural associado a uma experiência particular o que motiva a recolha de referências imagéticas para ilustrar o tema. O trabalho desenvolvido passou pelo levantamento de expressões idiomáticas em contato direto com as pessoas e através da ativação de recursos na publicação de um questionário online, na realização de visitas a instituições e na participação em eventos relevantes ao tema.

Os dados reunidos foram experimentados na concepção e desenvolvimneto de uma edição. Com o projeto Trinta por uma Linha cremos ter alcançado, através dos materiais reunidos e os resultados obtidos, condições e encontrado um potencial com um objeto que pode ser proativo na difusão de valores culturais no domínio do encontro entre a oralidade e a ilustração.

Palavras-chave: ilustração; expressão idiomática; edição; cultura popular portuguesa.

Abstract

This project collects idiomatic expressions of Portuguese popular culture, starting from the motivation of the continuous valorization of this important heritage. In this sense, our work operates illustration as a means of visual communication to contribute to the awareness and dissemination of this important expression of our culture, in the articulation between word and image.

For this purpose, this investigation seeks to know what content exists around the subject under analysis and in what configurations the image can contribute for the communication and dissemination of this living heritage.

The methodological procedures of this project are initiated in the local context of a rural matrix associated with a particular experience which motivates the gathering of imagery references to illustrate the theme. The work developed involved surveying idioms in direct contact with the locals, data collection of an online questionnaire, in visits to institutions, and in participating in events relevant to the topic.

The data gathered was experimented with the development and design of an edition. With the project *Trinta por uma Linha*, we believe we have achieved, through the materials gathered and the results obtained, conditions for the contribution and awareness of this topic, finding potential with an object that can be proactive in diffusing cultural values in the domain of the encounter between orality and illustration.

Keywords: illustration; idiomatic expression; edition; Portuguese popular culture.

Glossário

Ao pé da letra / à letra: literalmente; rigorosamente; estritamente. À risca.
(Nogueira dos Santos, 2000)

De boca em boca: Diz-se de comentário, notícia, novidade propagada oralmente, de pessoa para pessoa. (Nogueira dos Santos, 2000)

Puxar a brasa à sua sardinha: defender os próprios interesses, conveniências; dispor as coisas em seu próprio favor. (Nogueira dos Santos, 2000)

Trazer a lume: revelar; desvendar; tornar patente. (Nogueira dos Santos, 2000)

Agradecimentos
Resumo
Abstract

Índice

I Enquadramento

Contextualização	12
Motivações e objetivos	13
Metodologia	14
Estrutura	15

II Fundamentação Teórica

Expressões idiomáticas	17
Património <i>vivo</i>	19
Dinâmicas e correspondências	20
Lugares da oralidade: identidade e memória	23
Falar por imagens	24

III Metodologias

Trabalho de campo	38
Processo	49
Proposta Trinta por uma linha	85

IV Considerações finais

Conclusões	89
Limitações	89
Perspetivas futuras	91

Bibliografia
Anexos

I Enquadramento

“A palavra é completa, vista e ouvida”
(Martins 2020, 11)

Contextualização

As expressões idiomáticas configuram uma importante fonte de transmissão do conhecimento popular que deve ser defendido. O seu valor histórico e cultural bem como a relação que estabelece entre as pessoas, pelo reconhecimento mútuo e invocação da memória coletiva, em constante transformação, refletem a identidade e a dinâmica da nossa cultura.

Trinta por uma Linha recolhe trinta expressões idiomáticas da cultura popular portuguesa e explora possibilidades da sua conversão com recurso à ilustração enquanto meio de expressão visual e na qual abraçamos o nosso contexto local.

O projeto é informado pela pesquisa de definições, conceitos e contextos que orbitam em torno do nosso objeto de estudo. Entendemos que as expressões idiomáticas são construções linguísticas, compostas por dimensões sociais e culturais vitais às suas formações e consagração. Procura-se então saber que conteúdo existe relacionado com estas e o seu campo semântico, em contexto português.

Recorrendo à ilustração como meio de expressão visual, este projeto procura valorizar, comunicar e converter esta importante expressão oral da nossa cultura popular na articulação entre a palavra e a imagem, em suporte editorial.

Assim, esta investigação recorre à ilustração e ao poder da imagem para a criação de um objeto de produção gráfica, que se apresenta como um contributo para a valorização deste nosso património *vivo*.

Motivações e Objetivos

“Com o tempo tornamo-nos provavelmente mais maduros, conhecemos mais as coisas, mas a maneira como trabalhamos nas coisas que conhecemos dependerá sempre no modo como estudámos inicialmente muitas coisas que não sabíamos”

(Eco 2011, 32)

Este trabalho é motivado pela convergência de interesses pessoais e académicos e fomentado pelos projetos, que antecedem a presente investigação, desenvolvidos ao longo do mestrado de Design de Imagem, onde as propostas estimularam o pensamento sobre a resolução de problemas no meio social, a literacia visual e a importância do património cultural.

Em específico, este trabalho é motivado pela dinâmica da comunicação visual com recurso a expressões idiomáticas como parte integrante e significativa da cultura popular, em articulação com a ilustração e na qual abraçamos o nosso contexto local.

Pessoalmente, partimos de um ponto de vista rural, nos arredores de Marco de Canaveses, que caracterizamos pelo ambiente de cumplicidade e proximidade afetiva entre as pessoas, nutrido pela convivência com a vida no campo, nomeadamente as práticas agrícolas, os animais e a Natureza e que fazem parte do nosso meio envolvente. Na convicção de que o carácter autoral deste projeto se coaduna com as feições tradicionais características do tema em estudo, é partilhado o nosso contexto pessoal e que é representado nas ilustrações sob a forma de ovelhas.

Relativamente à pertinência deste projeto, constatamos a dificuldade de acesso a objetos literários que tratem o tema na sua especificidade e que ilustrem o tema a partir de uma envolvimento afetiva e social. As expressões idiomáticas têm vindo a ser tratadas em dicionários especializados para a sua consulta e, na generalidade, em livros sobre a oralidade (linguística e património cultural) mas não tanto em articulação com a imagem como meio de comunicação. As expressões idiomáticas convocam o poder do imaginário nas palavras e a sua natureza “polissémica” potencia uma infinidade de imagens mentais passíveis de serem convertidas para um plano concreto.

Assim sendo, a finalidade da investigação é plural, assente numa base de complementaridade: contribuir para a consciencialização e valorização deste nosso património cultural e imaterial, bem como, responder às questões de investigação:

Como muda o sentido das expressões idiomáticas da cultura popular portuguesa, quando situadas em contextos distintos da sua vocação original?

De que forma podemos contribuir para a divulgação e preservação deste nosso património vivo?

Como pode a ilustração favorecer a comunicação e valorização desta parte integrante da nossa cultura popular?

Por último, neste processo, é procurado criar um objeto gráfico interpretativo e dinâmico, através da ilustração, tendo em vista a valorização e comunicação de expressões idiomáticas da nossa cultura popular.

Metodologia de investigação

Assumimos a natureza teórico-prática desta investigação com o intuito de cumprir os objetivos enunciados. Para a revisão de literatura recorreremos a autores, na vertente teórica, que se dedicam ao estudo dos temas em questão e, numa vertente prática procuramos exemplos relevantes ao universo de investigação em causa.

Para o projeto, recorreremos a princípios do método etnográfico, como a observação participante de carácter exploratório, numa vertente qualitativa.

O trabalho de campo consistiu na recolha de dados em contexto local (Marco de Canaveses) pela participação de conversas informais e recolha de expressões sob a forma de cartões, entregues em mão, posteriormente adaptado ao contexto pandémico para a forma de questionário online; na participação de atividades e visitas a exposições relacionadas com o exercício projetual; na recolha e identificação de referências imagéticas, nomeadamente, na vertente prática, o registo fotográfico in loco e, na vertente teórica, o levantamento de informação visual que acompanha o documento.

Estrutura

O presente documento é estruturado segundo três capítulos.

No primeiro capítulo é contextualizado o projeto, os seus conceitos-chave, os objetivos e motivações que fomentam a busca de conhecimento nesta área de conhecimento. Este capítulo é concluído por uma síntese organizada, de todo o processo de investigação, contemplada na presente estrutura.

O segundo capítulo é dedicado à fundamentação teórica e apresenta-se subdividido em duas partes. Em primeiro, são delineadas as especificidades relativas ao objeto de estudo. É procurado conteúdo em torno das expressões idiomáticas, através da revisão dos seus contextos - linguístico, social e cultural – alicerçada na revisão de referências teóricas e exemplos com o objetivo geral de identificar e compreender definições, funções e características das expressões idiomáticas visando a sua interpretação conceptual no projeto Trinta por Uma Linha.

Na segunda parte deste capítulo, é abordada a imagem enquanto ferramenta interpretativa da cultura popular e o seu campo semântico. Neste processo, são analisados autores e obras que alicerçam o desenvolvimento deste projeto.

No terceiro capítulo são abordadas as componentes práticas do processo de investigação. É explanado o trabalho de campo desenvolvido, o processo de criação e a exploração de hipóteses do objeto editorial que acompanha a investigação.

O documento termina com as considerações finais. São analisados os resultados e perspectivas de desenvolvimento futuro deste projeto.

II Fundamentação Teórica

Este segundo capítulo é dividido em duas partes. Em primeiro, são abordadas as expressões idiomáticas. Enquanto elementos de uma inesgotável riqueza e manifestação efetiva em vários domínios da ação humana, procura-se saber que mecanismos definem, ativam e potenciam estas expressões, os seus contextos e os seus valores.

Na segunda parte deste capítulo e considerando as expressões idiomáticas enquanto parte significativa do imaginário popular português, é abordada a imagem e a ilustração enquanto ferramentas de interpretação e divulgação relativo a este universo de estudo.

Expressões idiomáticas

Observando as expressões idiomáticas (EI's) enquanto manifestação da língua natural, enraizadas no nosso dia-a-dia, partimos do princípio de que a sua riqueza é representada na sobreposição de várias forças que devem ser consideradas. Tendo em vista o desenvolvimento conceptual deste projeto, este capítulo almeja a análise de definições, as funções e mecanismos que estão na base do processamento de interpretação deste fenómeno idiomático.

Considerando que as expressões idiomáticas constituem uma forma de comunicação tradicionalmente oral, difundidas pelo registo informal da linguagem quotidiana, foram durante muito tempo excluídas da análise científica. (Jorge 2001; Vilela 2002) Contudo, a especificidade do seu estudo tem vindo a ser aprofundada vigorosamente nos últimos trinta anos na área da fraseologia¹ (Jorge 2001). O crescente interesse na investigação teórica destas expressões, “nas suas várias componentes científicas”, tende a contrariar um certo estatuto marginal e a sua classificação por desvio a uma norma (Jorge 2001; Vilela 2002) procurando acentuar “o seu carácter interdisciplinar e a alteração na concepção deste objeto enquanto objeto de análise científica.” (Jorge 2001, 216)

No contexto português e anterior ao recente entusiasmo pela fraseologia, destacamos a obra *Estilística da Língua Portuguesa*² do filólogo Rodrigues Lapa. Neste livro, o autor apresenta várias situações que provocam na língua a formação dos fraseologismos e que no seu entender são governados por duas forças: “a herança passiva e cómoda do passado” e “a criação ativa por vezes revolta do presente”. (Lapa 1984, 78) Para o autor os “grupos fraseológicos”, os “idiotismos”, as “frases feitas” ou as “loquções estereotipadas” designam conjuntos de palavras que se ligam para exprimir determinadas ideias e pelas quais se manifesta o “génio da língua”.

Apesar de continuar a existir um debate em torno dos limites e das definições do conceito de expressão idiomática, - “que deixam sempre alguma margem de insegurança” - há traços considerados importantes na sua categorização. (Vilela 2002, 174). De acordo com os critérios estruturais e semânticos mais consensuais, a *fixidez*, a *reprodutibilidade* e a *idiomaticidade*³ apresentam-se entre os indicadores reiterados para a sua identificação. (Fleischer 1992 apud Vilela 2002)

¹ “Estudo de frases peculiares pertencentes a um domínio, a um escritor, a uma língua. 2 Conjunto de expressões de uma língua que funcionam semântica e sintaticamente como uma palavra. 3. Utilização excessiva de palavras pomposas, sem sentido.” Definição do Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea.

² A primeira edição do livro é de 1945.

³ Também designado pelo autor como “semântica composicional nova”. (Vilela 2002, 163)



“Olha estes dois a picar o ponto” Rua das Flores. Autor anónimo. Porto. 2020

No campo das fraseologias e no domínio da linguística cognitiva, destaca-se a atividade de Mário Vilela. Para o autor, as expressões idiomáticas representam as “*combinações fixas*” ou o “*congelamento*”⁴ de palavras que por via da repetição e difusão oral, foram afastando progressivamente o sentido literal do figurado, conferindo-lhes assim o significado idiomático. (Vilela 1999). De acordo com Vilela, a função das expressões é ampliar o léxico, sobretudo na “*esfera da expressividade*”, através de mecanismos “*de lexicalização*”⁵ da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana”. (Vilela 2002, 161) No discurso, servem o propósito de deixar uma marca, ou seja, conferir realce e emoção à comunicação. As suas mensagens, pressupõem uma rápida e correta decodificação e por isso simplificam a argumentação e enriquecem o discurso em geral. O que explica a presença de idiomatismos em canais de comunicação onde a oralidade predomina, como por exemplo, nos debates, na publicidade e no diálogo espontâneo do dia a dia. Para Vilela é no designado léxico mental, operado pelas “*emoções, as atitudes, as interpretações subjetivas, os comportamentos (...)*” que as expressões idiomáticas assumem, em modo codificado, uma função nomeadora e que por fazerem parte do saber partilhado fortalecem as interações sociais. (Vilela 2002, 161)

As expressões idiomáticas constituem um campo de inesgotável riqueza e pluralidade expressiva. São o reflexo criativo da língua “*com “múltiplos “portais” sempre disponíveis para a ironia, para o implícito*” promovendo assim a subjetividade e a imaginação. (Vilela 2002, 184) A linguagem figurada é sempre convocada nas expressões idiomáticas. Nelas “*a metaforicidade é tida como um traço incontroverso*”. (Vilela 2002, 176) Vilela parte dos pressupostos de Lakoff e Johnson sobre a metáfora e com os quais partilha pontos de vista sobre o conceito de estereótipo⁶ para explicar, sobretudo, os processos de interpretação semântica - as imagens e os esquemas mentais - pelos quais as expressões idiomáticas se representam e cujos significados se fundem “*tanto no conhecimento partilhado como na percepção espontânea*”. (Vilela 1999, 11) (Vilela 2003; 1999, 11) Assim, expressões caracterizam-se pela sua poderosa “*capacidade criativa de ligação, de associação e modificação*” que ativam o encadeamento de raciocínios e lexicalizam os estereótipos. (Vilela 1999; 2002, 163)

4 Neste artigo, o autor ensaia sobre os vários “*graus de fixidez*” e variantes estruturais, como fatores caracterizadores das estruturas idiomáticas, mas, pelos quais o processo de identificação, sob um ponto de vista formal, nem sempre se realiza de forma linear.

5 “*A lexicalização equivale a dizer que o frasema/ fraseologismo é armazenado no léxico como um todo, em que a construção sintática já não reproduz um modelo estrutural produtivo, mas que é reproduzido como uma unidade léxica terminada*” (Vilela 2002, 181)

6 De acordo com Vilela, “*os estereótipos resultam da necessidade de categorizar o mundo e da necessidade de organizar o simplificar o meio em que vivemos*”. Estes estereótipos são criados à volta de um exemplar único, neste caso, as expressões idiomáticas que, podem não ser representadas por um único conteúdo, mas pela “*aproximação de um modelo idealizado*” que convergem para “*determinadas figurações imagéticas*” (Vilela, 1999)



“*Este é fino como o alho*”. Autor anónimo. Rua das Flores. Porto. 2020



“*The elephant in the room*”. Exposição “*Barely Legal*”. Banksy. 2006
Segundo o autor, o elefante na sala de exposição pretende denunciar a pobreza.

Frame 00:49:45 a 00:49:47 retirado do documentário “*Exit through the gift shop*” 2010.

Ao perspetivar a linguagem em profunda relação com a experiência humana e na qual a *imagem* é distinguida, este posicionamento teórico motiva-nos a explorar de que forma podemos converter os percursos mentais implícitos no discurso idiomático, para um universo imagético ilustrado.

Património vivo

Considerando as expressões idiomáticas como um veículo de transmissão do conhecimento popular que, tradicionalmente, *anda de boca em boca* e de geração em geração, procura-se refletir sobre a importância da valorização deste nosso património vivo.

“Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefactos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante do seu património cultural”.

(UNESCO 2003, 5)

Em seguimento da Convenção⁷ vários autores refletem sobre esta reatualização da concepção de património imaterial entre os quais Guilherme d’Óliveira Martins. No livro *“Património cultural: realidade viva”* o autor defende que não podemos falar de património cultural imaterial como um legado estático e imutável, mas sim como *“um conjunto de recursos herdados do passado, testemunha e expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contínua evolução e mudança”*. (Martins 2020, 52) O autor considera que o entendimento atual da concepção de património cultural imaterial deve ser compreendido numa relação entre passado-presente-futuro uma vez que atravessa períodos de influência e transição ao longo do tempo e afirma-se no reconhecimento mútuo atual com projeção no futuro.

Por seu turno, refletindo sobre as questões levantadas sobre o que pode ou não ser considerado património cultural imaterial, Filomena Sousa, investigadora no âm-

⁷ Em 2003, no decurso da 32ª Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), foi aprovada a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural e Imaterial, na qual foram contemplados os seguintes domínios:

“a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do património cultural e imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e outros atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo; e) técnicas artesanais tradicionais.” (UNESCO 2003, 5)

bito do projeto *Memóriamedia*⁸, define-o como uma construção social, concluindo:

“Pode-se valorizar, difundir, documentar e transmitir ao nível local, nacional ou até internacional determinada expressão da cultura imaterial, mas se não se garantir a sua prática não existe património para salvaguardar.”

(Sousa 2018, 5)

Assim, o envolvimento por parte das comunidades passa a ser um fator determinante para a salvaguarda de manifestações populares de interesse comum, uma vez que a sua elegibilidade patrimonial depende efetivamente da intervenção e da vontade de um Povo. A Convenção vem **trazer a lume** o sentido de responsabilidade partilhada sobre valores comuns, promovendo a participação ativa de todos. É então urgente contribuirmos para a repercussão deste património *vivo*, de expressões ainda em uso e, combatendo o risco deste se perder do imaginário atual português, garantir que este legado chegue a gerações futuras.

Dinâmicas e correspondências

Observando assim as expressões idiomáticas como um fio de ligação entre o passado, o presente e o futuro, esta investigação concentra-se no estudo das suas dinâmicas e correspondências.

Na dissertação de investigação “*Dicionários dinâmicos multi-fonte*”, o professor José João Almeida, propõe uma definição de dicionários abrangente. Para além dos dicionários convencionais, o autor defende como definição de dicionário “*tudo o que estabelece uma correspondência entre termos e informação associada (estática ou dinamicamente)*”. (Almeida 2003, 7)

“*Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*” de António Nogueira dos Santos é um dicionário poliglota de expressões idiomáticas originalmente publicado em 1990. Estabelece a correspondência, através de um índice remissivo, de expressões idiomáticas de uma língua para expressões equivalentes noutra língua, neste caso português-inglês e inglês-português. A obra é composta por dois volumes independentes, mas que se completam e nos quais é possível estabelecer relações. Com a entrada da língua portuguesa para a Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1985, é publicado 5 anos depois e surge como uma oportunidade assumida dos editores de

⁸ e-Museu do Património Cultural Imaterial: <https://www.memoriamedia.net>

aproximar e favorecer a comunicação entre povos e culturas. O dicionário traduz o empenho deste propósito na medida em que oferece um inventário no qual todos os artigos estão numerados o que permite ao leitor encontrar, quando ela existe, a expressão idiomática equivalente para uma outra língua.

Após a consulta de um exemplar de 1990, constatou-se que a maioria das expressões idiomáticas presentes e os significados atribuídos apresentam-se desfasados do contexto atual. Não obstante, consideramos o dicionário supramencionado particularmente relevante para a investigação, uma vez que propõe a consulta em simultâneo de dois objetos independentes promovendo a interação do(s) leitor(es) com os objetos.

Também o livro *“Dar à Língua: da comunicação às expressões idiomáticas”* (1997) das autoras Guilhermina Jorge e Suzete Jorge partilham as mesmas premissas e convidam o leitor a participar. No livro podemos encontrar 500 expressões recolhidas em dicionários unilingues de expressões idiomáticas, de calão e de frases feitas. Como critério de recolha, as autoras selecionaram expressões que de forma direta ou indireta se relacionam com a produção de discurso, ou seja, de função metalinguística, e justificam:

“São jogos de linguagem sobre a própria linguagem, são “bocados” de discurso que descrevem o próprio discurso, realçando a forma discursiva da mensagem, enriquecendo as relações e por conseguinte, a própria comunicação”.

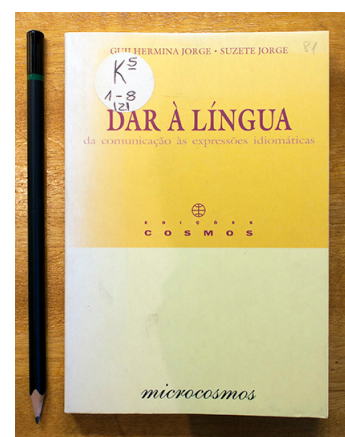
(Jorge 1997, 19)

Expressões como: *“Não ter papas na língua, Meter água, Chover no molhado ou Não abrir o bico* são exemplos que se podem consultar no livro.

Além da densa recolha de expressões de valor metalinguístico, o livro apresenta-se como um caderno de exercícios onde são propostas atividades didáticas que favorecem o exercício da memória e a revisão do seu conteúdo, através de enunciados de escolha múltipla, de correspondência e de restituição.

O livro, propõe então a participação do leitor, lança o desafio e coloca à prova o *“saber de cor”* da língua popular portuguesa.

O *“Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas”* surge em 2011 por iniciativa do professor José João Almeida em colaboração com o professor Alberto Simões no



Capa do livro *“Dar à língua: da comunicação às expressões idiomáticas”*, por Guilhermina Jorge e Suzete Jorge.

âmbito do projeto Natura⁹, desenvolvido na Universidade do Minho. É assumido pelo autor como um dicionário amador e para sempre inacabado. Como o título sugere, trata-se de um dicionário aberto que aceita contribuições via online e conta com mais de 4000 entradas. Neste sentido podemos afirmar que a iniciativa se constrói e redefine-se numa dimensão de responsabilidade partilhada em torno e defesa da herança comum, recorrendo a ferramentas tecnológicas que permitem a leitura e interação digital para vincular a tradição ao modo de vida contemporâneo.

Nesta era híbrida em formatos e dispositivos, esta aproximação entre o tradicional e a inovação é também experimentada pelo projeto Bibó Porto! O projeto nasceu em 2016 e está presente nas redes sociais (facebook e instagram) com o intuito de resgatar expressões à moda do Porto e às quais lhes atribui os respetivos significados. Apesar de se tratar de um projeto amador e relativamente recente é evidente o interesse despertado, alcançando potencialmente as gerações mais jovens para a consciencialização do património oral. O anonimato faz parte da identidade do projeto e segundo o autor portuense o mais importante é *“reunir expressões por nós usadas e difundi-las”*. Trata-se de uma criação espontânea e livre onde se cultiva o gosto pelo léxico da cultura popular do Porto, de forma dinâmica e inclusiva, no qual *“não podemos deixar de reconhecer neste fenómeno um sinal - bem menos isolado do que aquilo que possa parecer aos mais desatentos - do convívio assíduo e descomplexado dos mais jovens com essa parte do nosso património que é a literatura oral.”*¹⁰ (Topa 2002, 552).

Em suma, as iniciativas de divulgação da cultura popular portuguesa de expressão oral, quer se manifestem através de canais formais ou informais, convencionais ou não-convencionais, são merecidas de ser apreciadas pois refletem a identidade e a pertença de todos e cada um de nós como atores sociais responsáveis pela herança comum.

“Num tempo em que as fronteiras tradicionais se esbatem é necessário reconstruir outros valores, recriar a identidade, e é interessante verificar um renascer, ou pelo menos, um novo olhar sobre o passado, pelos seus valores culturais, pela pluralidade das suas manifestações”.

(Jorge 2001, 215)

9 Fundado pelo autor, o projeto Natura apresenta-se como um grupo de investigação académico direccionado para o estudo da linguagem natural através da ciência da computação. Este projeto tem como principal objetivo criar e disponibilizar recursos de índole informática tendo como foco a Língua Portuguesa.

10 Em referência ao artigo *“A Tradição ainda é o que era: a presença do cancionário popular nos albuns infante - juvenis”* (2002) pela autoria de Alfredo Topa. O artigo resulta da recolha e análise de textos escritos em verso, em cadernos escolares, por alunos com idades entre os 10 e 13 anos, aos quais o autor designa de *autógrafos rimados*.



Bibó Porto! no Instagram. 2020

Lugares da oralidade: identidade e memória

“A consciência da nossa identidade como povo obriga ao conhecimento da nossa cultura rústica – não apenas das suas manifestações vivas, mas também das suas formas periclitantes ou que vivem tão somente na memória dos mais velhos”

(Giacometti 2009)

O tema central deste estudo é a cultura popular portuguesa na sua vertente oral, tradicionalmente motivada pela articulação e exaltação de valores como a identidade e a memória (Leal 2000), na qual se revê, no prisma etnográfico, um testemunho significativo no trabalho produzido e registado pela mão de Michel Giacometti.

Numa perspetiva antropológica, João Leal, reflete sobre a tradição da cultura popular portuguesa de matriz rural, e a problemática da identidade nacional, no nosso caso, permeado pelo contexto político e social imposto pelo Estado Novo. Na obra *“Etnografias portuguesas (1870-1970)”*, o autor descreve a identidade nacional como um saber do Povo e um conjunto de representações relacionadas com o quotidiano e o território, *“baseado numa língua e costumes populares idênticos”* (Leal 2000, 17)

Michel Giacometti fez parte de um conjunto de autores que em oposição à ideologia etnográfica unitária proposta pelo então extinto regime salazarista (1933–1974) defendeu a diferenciação e diversidade da cultura popular portuguesa. (Leal 2000) O etnomusicólogo de origem francesa, instalou-se em Bragança em 1959 e por mais de trinta anos dedicou-se à recolha, tratamento e divulgação da música popular portuguesa, concedendo-nos assim um legado de elevado valor histórico e cultural.

Entre as diversas iniciativas do autor destacamos a série documental *“Povo que Canta”*¹¹ criada em parceria com o realizador Alfredo Tropa. A série resulta da compilação de centenas de fragmentos áudio - visuais, capturados ao longo de duas décadas pelo interior do país e na qual a música, como ato de expressão em oposição à censura, traduz a realidade do Povo e os seus modos de vida. Giacometti esclarece:

“Mas, à volta da música, havia todo o resto dos costumes, dos hábitos, das tradições e dos mitos. Do comportamento e do conhecimento dos povos. A música, em muitos casos era um pretexto. Um pretexto válido, porque recolher a música era importante. A música traduz não só o sentimento do Povo, mas também toda a complexidade da sua vivência.”

(citado em Cascais 2009, 13)

Os *Cantos do Trabalho* predominantes ao longo dos episódios comprovam e esclai-



“Cantos do Trabalho. Povo que canta II”. Giacometti. 1972

A série documental é composta por 37 episódios.

Plano sequência: 00:05:15 a 00:05:25

Plano sequência 00:05:25 a 00:07:14

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cantos-do-trabalho/>

¹¹ produzida e exibida pela RTP entre 1971 e 1974.

recem as relações entre a faina, os homens e as mulheres. Apesar do teor dos cantos nem sempre terem uma relação direta com o trabalho, a narrativa oral é parte integrante da faina, pautados pelo esforço e distribuição do trabalho entre os géneros. Neste sentido, podemos afirmar que a música é utilizada, neste contexto, como um parte integrante e instrumento de trabalho. O legado de Giacometti não retrata apenas a música de um povo, mas também a forma de viver nas aldeias, os rituais de trabalho e o modo de vida muito ligado à agricultura de subsistência. (Cascais 2009) Através do legado de Giacometti conhecemos um Portugal profundo, maioritariamente iletrado, diligente, onde o conhecimento é transmitido de *boca em boca* e de geração em geração em constante exercício da memória pela evocação da música.

Mais recente é o trabalho do realizador Tiago Pereira que, não só vai ao encontro desta fonte de conhecimento como reativa a memória num contacto próximo e afetivo e desperta a consciencialização do património vivo e a identidade da cultura popular portuguesa. Exemplo disso é a série documental “*Povo que ainda canta*” e que claramente dialoga com a obra de Giacometti.

Em suma, os autores exprimem uma vontade de construir métodos de preservação e divulgação da cultura popular portuguesa contagiante. Através do estudo dos autores confirmou-se a necessidade de privilegiar a recolha de expressões idiomáticas em contacto direto com as pessoas e no seio da comunidade.

Falar por imagens

Sendo a comunicação umas das principais funções da Língua e sabendo que as expressões idiomáticas nos permitem falar por imagens, este estudo concentra-se, de forma geral, na sua análise, ancorado em modelos semiótico-retóricos, com enfoque no seu potencial de produção de sentidos.

Das funções

Estabelecidos os princípios base do processo “*de qualquer ato de comunicação*”: a *mensagem*, o *emissor*, o *destinatário*, o *contato*, o *código* e o *contexto/referente*, verifica-se como a autonomia da linguística como Ciência não a isola de outras áreas de conhecimento, ao contrário, a “*cooperação interdisciplinar*” permite perspetivar e alargar



Adélia. “*Estrompa-Albardas*” do projeto “*A música portuguesa a gostar dela própria*”. Tiago Pereira. 2014

A Adélia Augusta Garcia (1933-2016), nasceu e viveu toda a sua vida na aldeia de Caçarelhos em Bragança. Foi voz e rosto frequente nos filmes e documentários produzidos por Tiago Pereira. Num dos documentários do projeto MPGBP revela ter sido gravada por Giacometti e da existência de uma carta perdida. Possuidora de uma memória excepcional, transmitiu um vasto repertório da música de tradição oral popular portuguesa.

A Adélia cativou diversas personalidades, com as quais colaborou na realização de documentários, filmes e produção musical, tais como, B Fachada, Judith Cohen, Daniel Loddo, o grupo Galandum Galundaina, entre tantos outros, que viajaram rumo a Caçarelhos para ouvir e conhecer as modas de antigamente.

Plano sequência 00:00:01 a 00:00:26
<http://amusicaportuguesaagostardelapropria.org/videos/estrompa-albardas/> consultado a 18 de novembro de 2019

conhecimentos a outros domínios científicos. (Jakobson 2007, 14)¹²

No livro *“Introdução à análise da Imagem”* (1994), Martine Joly explora a imagem enquanto mensagem visual, dotada de signos e funções a desempenhar, fulcrais para a compreensão do seu conteúdo. Partindo de Jakobson¹³, a autora caracteriza as seis funções da linguagem – a função poética, a função expressiva (emotiva), a função conativa, a função fática, a função metalinguística e a função denotativa (cognitiva/referencial) – e argumenta o trânsito destas funções para a análise da imagem enquanto constituintes da intencionalidade da mensagem visual. Partindo da disponibilidade que as funções da linguagem admitem e tendo em vista o foco do nosso estudo – expressões idiomáticas e imagem – procuramos refletir sobre as mesmas para o âmbito do nosso projeto.

“Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diferentes tipos de signos equivale a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como um instrumento de expressão e comunicação”

(Joly 2007, 61)

De todas as funções da linguagem, podemos considerar a função denotativa ou referente como a mais frequente na comunicação. Uma vez que *“nenhuma mensagem pode ser absolutamente denotativa, mesmo que o pretenda”* (Joly 2007, 63), esta função aparece muitas vezes em simultâneo com outras funções. Diz respeito ao *contexto*, propondo um enquadramento para a leitura da imagem. No uso das expressões idiomáticas podemos entender o contexto como o assunto do diálogo e/ou o discurso que a antecede. Sem o contexto não nos seria possível nem mesmo identificar que se trata de uma expressão.

A função expressiva (emotiva) centra-se no emissor da mensagem, e por isso, caracterizada pela subjetividade enquanto a função conativa tem o propósito de implicar o destinatário. Como vimos anteriormente, as expressões idiomáticas parecem conjugar em grande medida estas funções e assim fortalecer a eficácia da comunicação. Quanto à função poética (estética) visa dar ênfase à mensagem e segundo Jakobson *“a concepção da linguagem poética como uma forma de linguagem onde a função é poética ajudar-nos-á a compreender melhor a linguagem prosaica de todos os dias”*. (Jakobson

12 No trabalho intitulado *“A linguística nas suas relações com outras Ciências”*, originalmente escrito em 1960, Roman Jakobson, um dos principais nomes da linguística moderna, propunha uma reformulação do posicionamento da Linguística em relação a outros campos de conhecimento, admitindo ser possível interpretar a partir de diferentes áreas *“dois moldes verdadeiros, porém parciais, que se defrontam numa relação definida de complementaridade.”* (Jakobson 2007, 16)

13 Autor de *“Essais de Linguistique Générale”* (1963).

2007, 20) Para Joly, esta função, corresponde à função estética na imagem, associada às sensações que a imagem possa provocar no destinatário.

A função fática concentra-se no *contato*. Esta função categoriza a comunicação mais descontraída, servindo para manter o contato entre o emissor e o receptor. Podemos afirmar que é a mais frequente na conversa informal e quando não interessa tanto a informação em si mesma, mas sim manter a conversa.

Por último, a função metalinguística analisa o código utilizado. Segundo Joly esta é uma função que muito dificilmente a imagem pode beneficiar. Neste caso, as expressões idiomáticas dispõem de um repositório extremamente vasto - *entrar mudo e sair calado; abrir o bico; perder a fala; cortar o fio à conversa; quem cala consente*¹⁴... facilmente compreendido e experimentado por todos aqueles que dominam uma língua.

Tendo em mente as características das expressões idiomáticas, abordadas anteriormente neste documento justapostas com as funções da linguagem aplicadas à imagem, podemos argumentar que as versatilidades funcionais das expressões convidam uma interpretação visual.

O discurso publicitário

O discurso publicitário recorre com frequência a estruturas idiomáticas, fazendo uso de trocadilhos, subvertendo a ordem das palavras, num jogo de “*exploração premeditada de sentidos*”, para criar maneiras de seduzir, persuadir e convencer. (Pinto 1997, 63). Desde a sua formação como Ciência que a semiótica tem utilizado a publicidade como corpus da sua análise, motivada pela inegável intenção comunicativa dos seus conteúdos verbais e imagéticos, contribuindo assim para a sua teorização (Joly 2007), o que parece explicar, em parte¹⁵, a origem deste fenómeno.

Um breve olhar sobre o discurso publicitário demonstra a presença e a importância da linguagem idiomática em mecanismos de comunicação que hoje pretendem atrair a nossa atenção:

“*Mãos à obra – lave as mãos com frequência*”; “*Cara de muitos amigos – cuide de todos, use máscara*” (mupis na cidade do Porto, 2020. CMPorto; Studio Eduardo Aires); *Red Bull dá-te asas* (slogan. Red Bull); “*Era. Uma máquina a vender casas*” (redes sociais. Rede imobiliária Era Portugal); “*De fazer parar o trânsito.*” (outdoor, Hyundai. Porto. 2020).

14 Exemplos retirados do livro “*Dar à língua. Da comunicação às expressões idiomáticas*” das autoras Guilhermina Jorge e Suzete Jorge.

15 Considera-se que outras ciências como a Psicologia, a Psicanálise, a Sociologia e a Antropologia também contribuíram para a teorização da publicidade. (Joly 2007)

Observando assim o texto e a imagem como processos comunicativos, ainda que numa ordem inversa de análise, os autores Roland Barthes, Umberto Eco, Jacques Durand e Martine Joly foram particularmente interessantes para este projeto. Os seus estudos em volta do discurso publicitário permitem perspetivar uma retórica visual que transcende o espaço publicitário para outros domínios da comunicação visual.

Transferências do verbo à imagem

Seguindo os conceitos de signo de Ferdinand de Saussure¹, Barthes foi um dos primeiros autores a propor um análise estrutural da imagem publicitária (Joly 2007), no artigo “*Retórica da Imagem*” (1964) ao refletir sobre respostas possíveis para a formulação de sentidos numa imagem fixa. Na sua análise podemos encontrar considerações sobre a imagem na sua denotação (mensagem literal/não codificada) e a conotação (mensagem simbólica/codificada), as funções do texto e uma retórica da imagem.

Ao abordar as funções do texto em relação à imagem, Barthes identifica duas, a ancoragem e o revezamento/substituição, sendo a primeira a mais comum quando em relação à imagem fixa, e, portanto, a que mais nos interessa abordar para o presente projeto. Para o autor, a mensagem linguística ou para Eco o *nível entimemático*², precisam os termos de significação da imagem, conduzindo o observador/leitor na construção da sua interpretação. A ausência do elemento linguístico seria no entender dos autores – e corroborado por Joly – profundamente arriscado quando considerados os objetivos da imagem.

“Na verdade, é simplesmente a presença da mensagem linguística que conta, pois, nem o seu lugar nem a sua extensão parecem pertinentes (um texto longo pode não comportar senão um significado global, devido à conotação, e é o significado que entra em relação com a imagem)”

(Barthes 2009, 33)

Por outro lado, Barthes defende que também a imagem pode desempenhar uma função de ancoragem, embora operando de modo distinto. Não obstante, devido à polissemia da imagem, é numa relação articulada que os elementos definem a cadeia conotativa a estabelecer, sendo que, é quando a linguagem se adapta a configurações económicas de comunicação que a imagem enriquece semanticamente. Ainda as-



“La trahison des images [Ceci n'est pas une pipe]”. René Magritte (1898-1967).

Óleo s/tela. 23 3/4 × 31 15/16 × 1 in.
Coleção LACMA.

<https://collections.lacma.org/node/239578>

¹ Ferdinand de Saussure (1857-1913), considerado como o fundador da linguística enquanto ciência moderna, definiu o signo como elemento de representação de ideias, composto pelo conceito e imagem acústica.

² Designação do autor no livro “*Estrutura ausente*”, originalmente publicado em 1997.



Dr. Bayard

A apropriação de expressões idiomáticas na publicidade tem vindo a ser alvo de grande entusiasmo.

Nas marcas Dr. Bayard, Superbook e Control Portugal é de notar a coerência com que as marcas se fazem destacar em constante recurso de expressões quotidianas na promoção dos seus produtos.

A reбуçado dado não se olha a dente; Antes que a vaca tuça; Assenta-lhes que nem uma luva; cantar de galo nunca souu tão bem; cão que ladra não tosse; Da boca para fora; Dá o Doutor reбуçado a quem não tem dentes; E tu, pescas alguma coisa disto?; Está tudo a andar sobre rodas; Filho de peixe sabe nadar; Uma mão lava a outra; Estamos todos no mesmo barco; O Dr. Bayard não tem papas na língua...só reбуcados; De Bayard se vai ao longe; Um reбуcado e pêras; Não há fome que dê fartura; Sou todo ouvidos; Não engulas sapos, come Dr. Bayard; Pouca parra e muita uva; O Dr. Bayard não faz reбуcados às três pancadas.

<https://www.facebook.com/drbyardoficial/photos>
consultado a 13 de janeiro de 2021.
<https://www.drbyard.com/historia/>

sim uma dimensão formal do texto em relação à imagem parece ser parcialmente desconsiderada por Barthes, como o tamanho, o posicionamento e o tipo de letra do texto. Estas questões são abordadas por Joly no livro referido, *“Introdução à análise da Imagem”*. Nesta obra a autora reflete ainda sobre a mensagem plástica, esta composta por uma série de signos (moldura, enquadramento, ponto de vista, composição, paginação entre outros) e que parte da significação da mensagem geral é determinada por estas escolhas. Ainda que a sua análise recaia sobretudo em relação à imagem fotográfica na publicidade, encontramos considerações relevantes e aplicáveis à produção gráfica deste projeto já que os elementos plásticos referidos pela autora, como as formas, a composição, a textura e o suporte não constituem matérias exclusivas à significação da imagem fotográfica.

Em benefício do sentido geral da mensagem, é pacífico afirmar-se que este é percebido pela associação denotada e conotada entre os dois registos, verbal e imagético, e que o grau de significados é mediado pelo receptor em função do seu contexto ou ideologia. (Barthes 2009; Eco 1987a; Joly 2007) Nesta configuração as expressões idiomáticas constituem um argumento particularmente rico para a comunicação visual, uma vez que convocam o saber partilhado e o imaginário coletivo de todos aqueles que dominam uma língua.

No seu estudo para uma retórica da imagem Barthes reconhece a dificuldade na análise da conotação e que esta carga simbólica pode passar tanto pelo texto como pela imagem. Assim, um outro ponto basilar estudado pelos autores e questionado no desenvolvimento deste projeto concentra-se na possibilidade de *transcodificação*³ verbal para a imagem, operada pela intermediação das figuras da linguagem, como a metáfora ou a metonímia, que se organizam “em campos associativos, articulações paradigmáticas, talvez mesmo em oposições (...)” (Barthes 2009, 42)

Considerando Barthes, Umberto Eco e Durand desenvolvem distintas metodologias de análise, mas que demonstram como as figuras de retórica tradicionais contribuem para a significação da imagem por meio de uma retórica visual.

Nos primeiros dois capítulos do livro *“A estrutura Ausente”* (1997) Eco baseia-se nos conceitos de retórica de Aristóteles para investigar o universo retórico. No seu estudo, as transferências retóricas para a imagem, de forma geral, assumem duas posições associadas, a *premissa* e o *argumento*, refletidas em função da sua significação

3 (Manovich 2001) Segundo Lev Manovich a transcodificação é a designação que define um processo de conversão da representação de uma forma para outra; um deslocamento da informação seja ela, visual, audiovisual, texto, entre outros. É assim que Lev Manovich define a transcodificação, o quinto princípio dos novos media, no livro “The Language of new media”.



Campanha Super Bock

A proximidade com o recetor da mensagem, facilmente é alcançada, num jogo de substituição de palavras, que apela ao subentendido, convocando o saber partilhado e o imaginário coletivo.

<https://www.facebook.com/SuperBock/photos> consultado a 13 de Janeiro 16 de julho de 2021.

e legitimadas pelas convenções comuns de uma sociedade.(Eco 1987a) Pela antonomásia⁴ - segundo o autor, uma operação retórica frequente na comunicação visual - o argumento é ativado por mecanismos que *“se regem por processos psicológicos de identificação, mas que o processo de identificação é permitido por artifícios retóricos que tornam convencionalmente reconhecível como universal e exemplar o caso isolado proposto (...)”*(Eco 1987a, 163) Partindo do exemplo dado por Eco da imagem de uma mãe a sorrir para o seu filho, facilmente se associa, pelo meio da conotação, a *premissa* - *o amor de mãe é o maior* - e, portanto, identifica-se o *argumento* -uma qualidade universal e conhecida que todas as mães devam ter. Eco demonstra-nos como este encadeamento poderia continuar numa sucessão de associações, diria até quase intuitivas, colocadas à disposição de um objeto representado e permitidas pela formação de um arquétipo, neste caso, relacionado com a figura da mãe .

Trajetórias para uma retórica visual

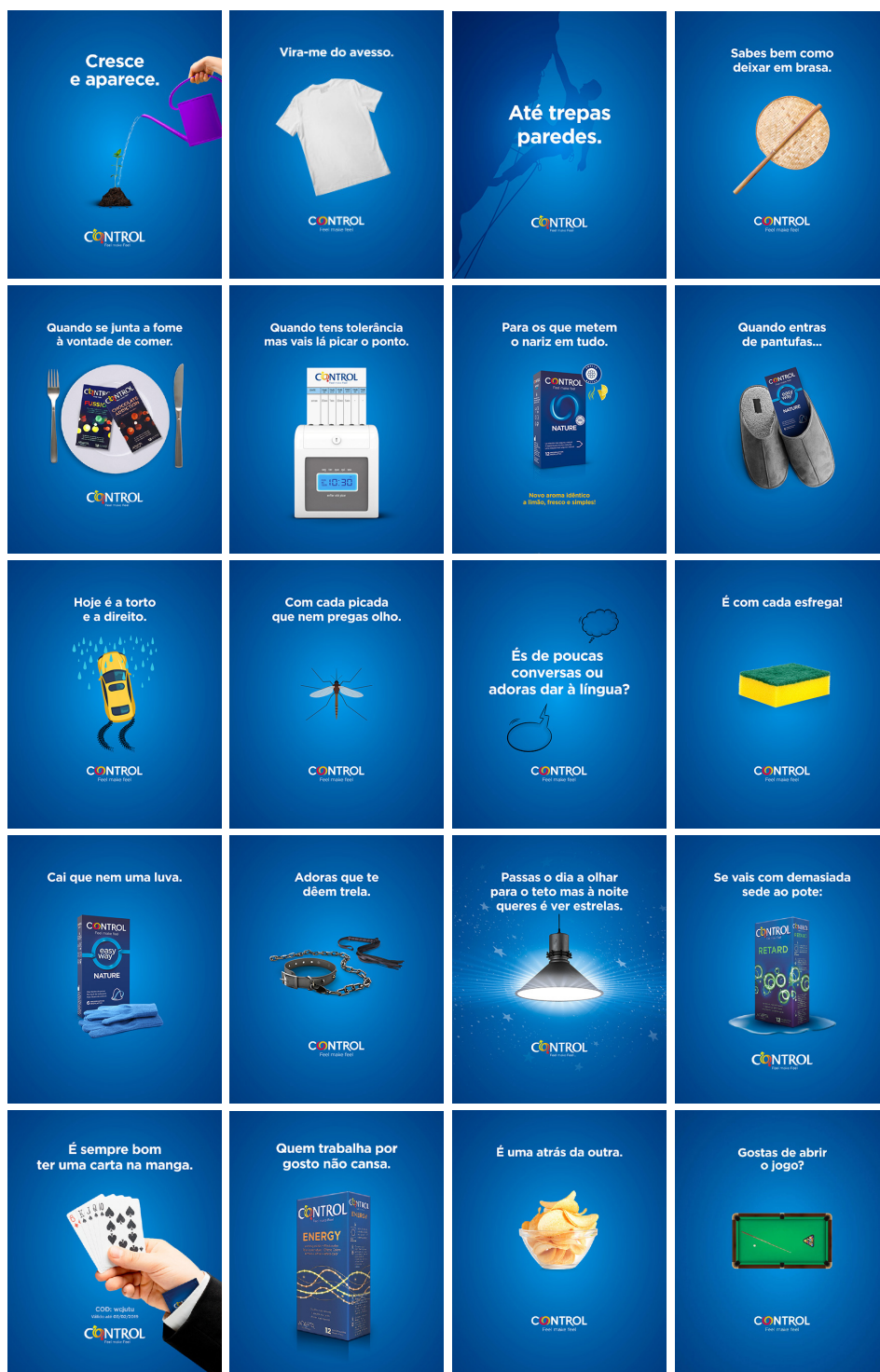
Um outro ponto estudado na retórica visual dos autores e esclarecedor para este projeto, concilia-se com a simulação, legitimada pelas referidas convenções pré-estabelecidas e reconhecidas (Eco 1987a); pela insubordinação das figuras da linguagem a normas (Durand, Joly, Eco) e que em última instância potenciam a criatividade. (Joly 2007)

“A técnica publicitária, nos seus melhores exemplos, parece baseada no pressuposto informacional de que um anúncio mais atrairá a atenção do espetador quanto mais violar as normas comunicacionais adquiridas (e subverter, destarte, um sistema de expectativas retóricas.”

(Eco 1987a, 157)

Analisamos então a investigação de Durand, decorrente da recolha e análise de mais de mil anúncios em revistas, publicada no artigo *“Retórica e imagem publicitária”*(1964). Neste artigo o autor propõe uma tabela, onde divide as figuras de retórica em quatro grupos - a *repetição*, a *supressão*, a *substituição* e a *troca*. Durand não só identifica todas as conversões das figuras da linguagem nestas categorias como - à semelhança de Eco - procura as funções do seu uso, estabelecendo relações entre as suas formas e conteúdos. Ao estudarmos estes autores damos-nos conta da diversidade dos mecanismos de significação das operações retóricas e que estas podem ser organizadas sob grupos específicos, contribuindo assim para a clarificação do desenvolvimento conceptual deste projeto.

⁴“Substituição de um nome próprio por um nome comum ou de um nome comum por um nome próprio” in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa..



Control Portugal.

Dos exemplos dados, a Control é a que mais tira partido da linguagem codificada como meio à transgressão social para apelar à intimidade inerente ao universo sexual. Neste caso, muitas vezes, o leitor é implicado pela provocação no uso do discurso direto típico da oralidade.

<https://www.facebook.com/Controlportugal/photos>
consultado a 13 de janeiro de 2021.

Partimos então da metáfora, reconhecida como o exemplo de transposição visual e que na língua – como vimos – corresponde à imagem por excelência, ao nomear um objeto convocando outro “*numa espécie de participação mágica por aproximação*”. (Eco 1987b, 63) Nas palavras de Joly – e corroborando com Eco- Durand argumenta que “*as proposições ditas ou mostradas pela metáfora não são apenas mentiras, mas também e sobretudo transgressões de um certo número de leis sociais, físicas, linguísticas, (...)*” que, no entanto, não provocam prejuízos reais porque são reconhecidas como simuladas e imaginadas e, portanto, geralmente aceites. (Joly 1994, 99) Assim concordamos com Joly, ao concluir que as ambiguidades dos pressupostos retóricos permitem liberdades onde a criatividade e a imaginação podem ser experimentadas.

“A imagem retórica, na sua leitura imediata, é aparentada ao fantástico, ao sonho, às alucinações – a metáfora torna-se metamorfose, a repetição desdobramento, a hipérbole gigantismo, e elipse levitação, (...)”

(Joly 2007, 100)

Sendo a representação um dos grandes domínios das artes, onde se experimenta a criatividade e a imaginação, concordamos com Joly ao argumentar que estas qualidades não estão reservadas à imagem publicitária nem que a retórica visual seja exclusiva à significação da publicidade, sendo experimentada há muito na pintura e no cinema e certamente pela ilustração, comprovando como “*fato adquirido que a retórica não diz respeito apenas à linguagem verbal, mas sim a todas as linguagens*”. (Joly 2007, 101)

Em suma, podemos concluir com base nos estudos dos autores que as figuras da linguagem podem ser transferidas para a imagem e, – contribuindo para a significação da mensagem – em consequência, passam também a compreender uma realidade inventada pelo meio da representação. Averiguadas estas questões, com vista à criação e desenvolvimento do projeto Trinta por uma linha, consideramos a ilustração enquanto meio de representação e de comunicação particularmente fértil para a conversão de expressões idiomáticas.

Relações de convívio na ilustração

O estudo da cultura popular portuguesa enquanto representação tem favorecido relações de convívio onde se experimenta a aproximação entre o tradicional e o contemporâneo. (Dolbeth 2014) Tendo em consideração as matérias até aqui abordadas e convergindo o estudo da nossa investigação para a imagem ilustrada, este estudo centraliza a ilustração enquanto meio de comunicação visual orientada para a interpretação e valorização de manifestações de fundo popular.

Lobobullying, publicado pela editora Eterógemeas em 2019, ilustrado por Gémeo Luís e escrito por Eugénio Roda. A narrativa desenvolve-se em torno do lobo e das relações dos homens com os lobos, partindo de *“lendas e fábulas, de histórias de vida e de morte, de velhas notícias e novos estudos, de crenças e factos, de problemas e soluções, para reescrever e ilustrar uma das mais antigas formas de bullying arquivada na memória coletiva.”* (Eterógemeas, n.d.) Segundo os autores trata-se de *“um livro sobre os mal entendidos”*, convocando assim o estereótipo de *lobo mau* para o contrariar e apelar à liberdade e ao seu direito à vida. (Eterógemeas, n.d.)

A impressão monocromática em todo o livro sugere a urgência do tema a tratar, reforçado ao longo da narrativa pela pontuação no texto e na sua relação com a ilustração com recurso à técnica de recorte. Podemos argumentar que o livro nos propõe uma alternativa, um novo olhar, sobre o lobo e sobre as convenções do Homem. Nele o leitor é interpelado e convocado a *vestir a pele de lobo*, como forma de sensibilização à *“memória-viva da sua perseguição”*.

Interessou-nos este livro pela relação com o texto, a oralidade e a cultura popular e pela relação multifacetada do texto e da imagem, que se estimulam mutuamente e que é orquestrado por uma relação gráfica também diversificada.

Argumentamos que as funções da ilustração mais pertinentes nesta obra são a função expressiva, a função poética, a função fática e a função conativa.

Abordado em projetos anteriores, a marca José Gourmet, criada em parceria com o designer e ilustrador Luís Mendonça, convoca a ilustração para a venda e promoção de produtos de confeção artesanal - latas de conserva, doces e compotas, azeites, licores entre outros - exaltando os valores e sabores tradicionais de origem nacional. Nas embalagens das latas de conservas da marca foram 12 os ilustradores portugueses convidados - Cristina Valadas, Emílio Remelhe, Gémeo Luís, Inês Oliveira, Marta Madureira e Rui Mendonça, André Letria, Bernardo Carvalho, Madalena Matoso, João Vaz de Carvalho, Teresa Lima e Yara Kono - a representar o imaginário gastro-



Fig. 10 Capa do livro lobobullying. Dos autores Gémeo Luís e Eugénio Roda. Publicado pela editora Eterógemeas.



Livro Lobobullying. *“Receita Tradicional de Caça. Alternativa ao prato peninsular al fajo”*, página 56.

nómico tradicional.

Nestes produtos, diferentes sistemas de linguagem se articulam para dar corpo e comunicar uma mensagem - ou mesmo, múltiplas mensagens - vinculada à memória e à tradição do nosso país. Do ponto de vista gráfico – o suporte, as ilustrações e o texto – interagem “*evocando a economia dos meios associada à tradição, (...) mediando o caráter distintivo e prestigiado dos conteúdos sem lhes sobrepor*”. (Mendonça 2013, 97) Cada ilustração é acompanhada por uma micronarrativa escrita por Eugénio Roda que associa “*caraterísticas específicas dos produtos ao imaginário, oferecendo algo mais do que linguagem meramente informativa*”. (Luís Mendonça 2011). Neste sentido, como no caso do Lobobullyng, podemos afirmar que a cooperação entre o texto e a imagem permitem extensões narrativas que se completam no leitor, como também o suporte pode desempenhar um papel significativo na interpretação do objeto.

Como na obra anterior, revemos com maior influência a função expressiva, a função poética e a função conativa.

Linhas cruzadas

No decorrer desta investigação foi recolhido conteúdo relacionado com a cultura popular portuguesa em articulação com o estudo da imagem e a sua produção.

A temática da cultura popular portuguesa tem vindo a ser abordada em contexto académico e em projetos autorais, como é argumentado pelo investigador e ilustrador Júlio Dolbeth e Costa Henriques Silva em “*Convergências entre Ilustração Contemporânea em Portugal e Património Popular Português*” (2014) para obtenção do grau de Doutor em Ilustração, no Doutoramento em Arte e Design pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Em projetos de foro académico, observamos ainda abordagens à cultura popular portuguesa, nas suas diversas valências, nos quais, identificamos objetivos comuns, nomeadamente a importância da divulgação da cultura popular, como parte integrante da identidade coletiva e que articulam a ilustração na produção gráfica dos seus conteúdos, exemplo disso são os projetos: “*Mitos e lendas de Paço de Sousa. Da investigação etnográfica à construção do Livro ilustrado*”, por Francisco Fonseca, no âmbito do Mestrado de Desenho e Técnicas de Impressão, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; “*Tiro e Queda. Fanzine de vocábulos do saber popular tradicional português*”, realizado por Daniela Vieira para a obtenção do grau de mestre em Design de Imagem, pela Faculdade de Belas Artes.



Exemplo representativo da marca José Gourmet. Luís Mendonça.

Como referência temática da figura animal do nosso projeto em cruzamento com a ilustração importa referir a “Retrosaria Rosa Pomar”, que tem, desde 2008, apostado na venda e promoção de fios produzidos artesanalmente a partir da lã de ovelhas portuguesas através da ilustração, “valorizando assim um património natural e cultural muito pouco conhecido”. Para dar imagem ao projeto, ilustradores como Yara Kono, Joana Estrela, Mariana a Miserável, Lord Mantraste, Pedro Lourenço e Mariana Malhão interpretaram as origens e as qualidades dos fios provenientes das 16 raças autóctones.

Na série documental “Lá em tempo Real” do realizador Tiago Pereira em parceria com Rosa Pomar⁵, acompanha-se, por todo o país, o percurso da lã portuguesa desde a tosquia das ovelhas à produção do fio com recurso a engenhos e manualidades, próprios para o efeito, inscrito numa narrativa oral informada pelo tato e pela memória de outros tempos vividos. Analisamos o tema e identificamos objetivos e dificuldades comuns ao nosso projeto.

“Pretende-se a partir do registo documental do fundo cultural de uma região, com particular relevo para o que podemos qualificar como património incorpóreo, imaterial – a tradição oral e dos processos envolvidos no ciclo da lã – produzir uma reflexão sobre um património pouco explorado artisticamente, bem como os conceitos culturais de tradição e contemporaneidade” (Pereira 2012)

Revedo neste projeto uma referência documental e visual para a produção conceptual deste projeto, tivemos oportunidade de confirmar e testemunhar - na participação de conversas informais - relatos do saber-fazer destes tempos e o desapego generalizado por uma prática que, não há muitas gerações, foi comum na maioria das casas portuguesas na área geográfica onde nos inscrevemos.



Novelos de lã da raça de ovelha mungo, com ilustração de Yara Kono. Retrosaria Rosa Pomar.

Consultado em <https://retrosaria.rosapomar.com> a 16 de dezembro de 2020



“O manelo”, 2012. “Memória do ciclo da lã em Paradela do Monte”, 2013. Da série documental “Lá em tempo real”. Tiago Pereira e Rosa Pomar.

Plano-sequência: 00:00:01 a 00:14:00
Plano sequência 00:00:01 a 00:04:02
<https://vimeo.com/68471248>
<https://vimeo.com/68041768> consultado a 18 de novembro de 2019.

⁵ Autora do livro “Malhas portuguesas. História e práticas do tricot em Portugal” (2013).

III Metodologias

Esta parte da investigação diz respeito à componente prática do projeto. Nos capítulos anteriores, relativos à fundamentação teórica, reunimos informação e abordamos questões inerentes aos temas de investigação que clarificaram e informaram as direções deste projeto como contributo para a valorização e conversão de expressões para o universo da imagem ilustrada.

Este capítulo pretende explicar as metodologias adotadas e as etapas no desenvolvimento do projeto Trinta por uma Linha. O capítulo é estruturado em dois momentos: o trabalho de campo refletido em função do exercício projetual e o processo de criação do objeto editorial.



Arquivo. Dezembro, 2019.

Trabalho de campo

Considerando os campos de investigação relacionados com o presente projeto - da comunicação à cultura popular - o trabalho de campo recorre aos princípios da metodologia etnográfica de carácter exploratório, ancorado num modelo de investigação qualitativo através do Design (Frayling, 1993)

Circunscrevendo a área geográfica e de intervenção do projeto, focamos a atenção para a região Norte e em particular o nosso contexto local de matriz rural, na periferia de Marco de Canaveses. Aqui, entre os montes e os vales, as ovelhas fazem parte da extensa paisagem que nos rodeia. Com vista à produção do objeto gráfico ilustrado, abraçamos o nosso contexto na convicção de que se coaduna com o carácter tradicional e popular dos conteúdos em estudo.

Recorrendo a procedimentos e ferramentas da metodologia etnográfica, procuramos privilegiar a observação participativa e o levantamento de dados *in loco* com recurso à fotografia.

Neste trabalho, organizamos a recolha e análise de dados em três partes: as visitas e participações em eventos que nos permitiram testemunhar práticas e saberes em torno dos temas pertinentes para o projeto; o tema a ilustrar, no qual explanamos o processo de recolha de expressões idiomáticas e por último o conteúdo relativo ao objeto de representação gráfica a ilustrar para o qual foi realizado o levantamento de dados *in loco* com recurso à fotografia. Devido à especificidade do conteúdo associado ao universo das ovelhas, consideramos necessária a adaptação parcial do método de recolha de informação, através do enquadramento e recolha visual sobre o tema.

Das visitas e participações

Como parte da componente prática deste projeto, participamos em eventos e realizamos visitas a espaços e instituições relacionados com as áreas de investigação abordadas, com o objetivo de estabelecer uma aproximação empírica aos nossos objetos de estudo.

YETI - Youth education through illustration. 3ª Edição.
Albergaria-a-Velha. 3 a 6 de outubro de 2019.

Com o intuito de explorar a ilustração enquanto ferramenta de interpretação e comunicação, participamos na 3ª edição do Yeti em novembro de 2019. O evento tem como objetivo a divulgação da ilustração enquanto atividade profissional e propor-



Conferência no decorrer do evento Yeti.

ciona o contato com ilustradores nacionais e internacionais, editoras e galerias, pela realização de conferências e workshops.

No decorrer da experiência podemos conhecer os métodos e o processo criativo de ilustradores como Ana Bustelo, Ana Pez, Carolina Celas, Catarina Sobral, Laura Kientzler, Nicolau, Nicolas Burrows e André Letria. Este convívio assíduo com a ilustração e os ilustradores proporcionaram uma experiência imersiva e catalisadora para o nosso projeto e que recordamos para a tomada de decisões editoriais e no desenvolvimento conceptual do Trinta por uma linha.

“Braga em Risco” - IV Encontro de Ilustração.
Braga. 17 de novembro, 2019.

Considerando o foco do nosso projeto em expressões idiomáticas e na ilustração, visitamos as exposições “Braga 22x22 – Ditos Bracarenses” e “O meu avô consegue voar” a decorrer no âmbito do 4º encontro de ilustração em Braga. As exposições constituem um referencial de abordagens técnicas e interpretativas alusivas à tradição oral.

Na quarta edição da exposição coletiva “Braga 22x22”, identificamos o objetivo comum e a importância em materializar expressões que fazem parte da nossa memória coletiva. Expressões como “o penico do céu”, “mais velho que a Sé de Braga” ou “mandar abaixo de braga” são exemplos dos dizeres mais afamados e ilustrados nesta edição.

As multiplicidades de interpretações, pela mão de vinte e seis ilustradores nacionais, perfilam lado a lado um conjunto de expressões específicas alusivas à cidade e roboram as possibilidades técnicas e conceptuais que a união entre as expressões e a ilustração viabiliza.

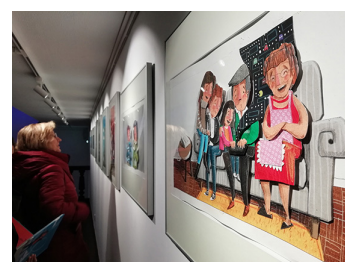
No mesmo espaço, visitamos a exposição “O meu avô consegue voar”, composta pelas ilustrações originais de Paulo Galindro para o livro com o mesmo título. A narrativa desenvolve-se em torno da relação entre um avô e um neto tendo como ponto de partida o texto e as vivências do ilustrador Pedro Seromenho.

Na exposição podemos observar a tridimensionalidade das ilustrações, criadas a partir de recortes e pinceladas e o seu efeito nas texturas e atmosferas acolhedoras e que envolvem as duas personagens em cumplicidade.

Vemos nesta obra, como no livro “A minha primeira cozinha tradicional portuguesa” ilustrado por Bernardo Carvalho, distinguidas as relações inter-geracionais e a importância e o contributo dos *mais antigos* que na partilha e na convivência despertam e promovem, numa primeira instância, a valorização da memória.



Workshop do percorrer do Yeti.



Exposição individual “O meu avô consegue voar” do ilustrador Paulo Galindro na Casa dos Crivos, em Braga, 2019.



Capa do livro “A minha primeira cozinha tradicional portuguesa”, ilustrada por Bernardo Carvalho, com texto de Gisela Miravent e as receitas da gastrónoma portuguesa Maria de Lourdes Modesto.

Workshop de expressão plástica

Marco de Canaveses. 29 de julho, 2021.

Em colaboração com a Preceptor e a Quinta Pedagógica do Castro planeamos e orientamos um workshop de expressão plástica com crianças e jovens com idades entre os 4 e 14 anos. O workshop foi dividido em duas sessões, de manhã (para as crianças dos 4-8 anos) e de tarde (9- 14 anos). Este workshop realizou-se no campo e teve como objeto de observação e representação as ovelhas do projeto Trinta por uma linha.

Os objetivos do workshop incidiram no convívio das crianças com o meio rural pelo contato com a Natureza e os animais e a fomentação da criatividade e da imaginação através da expressão plástica. Foram propostos três exercícios que no decurso do workshop foram ajustados no acompanhamento individual favorecendo assim a expressão livre.

Numa aproximação à cultura popular e corroborado pelo contexto do workshop verificamos oportuno a partilha de aspetos gerais do nosso projeto com as crianças. Neste sentido, conversamos sobre expressões idiomáticas, nomeadamente as suas características, as mais ouvidas e utilizadas pelas crianças e, por último, foi apresentado um dos cadernos de ilustrações do projeto Trinta por uma linha.

Procuramos sensibilizar as gerações mais jovens para uma parte da nossa cultura local e oral. Neste diálogo, constatamos as potencialidades do tema do nosso projeto em suscitar interesse tanto nas camadas mais jovens como nos adultos que tornaram possível a realização deste atelier ao ar livre.



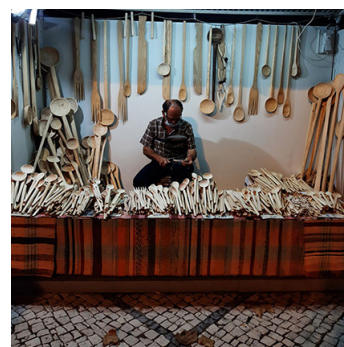
No decorrer do workshop.

A experiência como formadora, a realização de workshops de pintura, realizados em períodos anteriores com crianças, bem como a nossa formação em artes plásticas, permitiram-nos transmitir momentos de aprendizagem adequados e informados para o nosso público-alvo.

Feira Nacional de Artesanato – 43ª edição.

Vila do Conde. 5 de agosto, 2021

Visitamos a Feira Nacional de Artesanato em Vila do Conde. O evento que se estreou em 1976 com o objetivo de preservar as Rendas de Bilros em resposta ao desenvolvimento da indústria têxtil, afirma-se hoje pela pluralidade na divulgação das artes tradicionais portuguesas, distinguida pela presença de centenas de artesãos provenientes de várias regiões do país¹.



Stand representativo de Arganil e o Sr. Jorge Costa.

Em cada stand que paramos notamos a disponibilidade dos artesãos em partilhar a sua sabedoria na demonstração de execução das suas técnicas.

¹ Trofa; Vila Nova de Famalicão; Guarda; Póvoa de Varzim; Caminha; Viseu; Santarém; Coimbra; Águeda; Viana do Castelo; Vila do Conde; Matosinhos; Évora; Santa Maria da Feira; Seia; Porto; Nelas; Matosinhos; Tomar; Almodôvar; Santo Tirso; Setúbal; Pombal; Estarreja; Funchal; Caldas da Rainha; Vila Nova de Poiares; Guimarães; Mafra; Paços de Ferreira; Caminha; Valongo; Ponte de Sor; Barcelos; Lourinhã; Gondomar; Manteigas; Arganil; Ferreira do Zêzere; Maia; Castelo Branco; Marco de Canaveses; Braga; Felgueiras; Amarante; Estremoz; Arouca; Esposende; Ribeira Grande; Santa Comba Dão; Reguengos de Monsaraz; Santa Maria da Feira; Miranda do Douro; Sardoal; Fornos de Algodres; Miranda do Córvo; Cinfaes; Penafiel; (...)

Neste evento, atraiu-nos a manualidade dos processos de produção e as matérias-primas que preservam tradições. Exemplo disso, são as escamas de peixes, as cascas de alho, as cerâmicas, a madeira, a resina e a lã. De particular interesse para este projeto, a lã aparece naturalmente associada a peças de vestuário e acessórios, tapeçarias e brinquedos. Em sequência destas observações, estivemos à conversa com os representantes da Écolã, uma das referências nacionais na produção têxtil e artesanal que, orgulhosos da tradição, mantêm os processos de produção originais na terceira geração. Inclusive, deste contato surgiu o convite e a vontade de realizar, no futuro, uma visita à Fábrica sediada em Manteigas, na Serra da Estrela.

Apesar do evento não estar diretamente relacionado com o nosso projeto, proporciona a imersão no saber-fazer da nossa cultura popular, promovendo a divulgação destes conhecimentos numa aproximação com a comunidade, motivos que tornaram pertinentes a visita a este espaço.

Museu do Papel Terras de Santa Maria

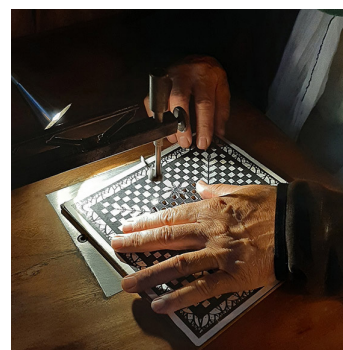
Paços de Brandão, Santa Maria da Feira. 2 de Setembro, 2021

Com o intuito de explorar suportes para o nosso projeto, visitamos o Museu de Papel situado em Paços de Brandão. Situado na margem do rio Maior, o Museu ocupa duas fábricas que antigamente se dedicaram à produção de fabrico manual de papel reciclado.

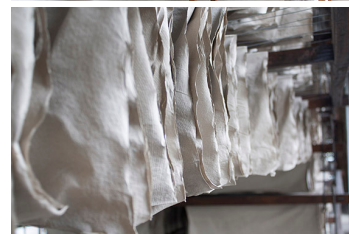
Para conhecermos os processos de produção desta indústria papelreira, concentramos a nossa visita, sobretudo na segunda fábrica onde pontualmente ainda se produz papel reciclado.²

Percorremos a Fábrica, acompanhando as etapas, os processos de produção do papel e os seus engenhos. No piso inferior, onde são recebidas as matérias-primas - os tecidos de algodão e linho e o papel - antigamente recolhidas pelos farrapeiros - inicia-se o processo. Através de engenhos e mecanismos ativados pela força motriz do rio, as matérias-primas são convertidas em massas cinzentas para depois se formarem as longas folhas do papel. Nestas salas respira-se o ambiente fabril, pelo cheiro das massas ainda depositadas nos tanques como se de uma interrupção de final de semana se tratasse. No piso superior, fica a Casa de Espande, um espaço aberto e arejado onde se procede à secagem e ao alisamento do papel. O processo fica aqui concluído, com a preparação do papel para escritório e transformado em sacos.

² Segundo a Sr^a Ana, guia do Museu, à data da nossa visita, a produção de papel estava parada devido a questões de manutenção. Estabelecido um contato posterior com o Museu, confirma-se na agenda o funcionamento da Fábrica, à quinta-feira, na segunda quinzena de cada mês.



Stand do Sr. Rocha Rodrigues. O artesão baionense adaptou uma máquina de costura para trabalhar as suas peças de madeira. Inspira-se nos padrões das rendas de bilros para criar peças decorativas e funcionais, destacando-se os candeeiros.



Registos da visita ao Museu do Papel: engenhos constituídos por tecido de lã para absorção do excesso de água no papel e corte da tiragem (piso inferior); papel estendido na Casa de Espande; pormenor do papel na secagem.

A visita ao museu de papel foi importante para somar uma possibilidade aos suportes em estudo para o nosso projeto. Realizada a visita expomos o motivo de interesse no papel ali produzido à Sr^a. Ana e à Sr^a Cristina, responsáveis pelo Museu, que logo se disponibilizaram para nos ajudar. O papel disponível para venda ao público é de formato A5, em folhas avulso, cadernos e envelopes. Questionada a finalidade do papel estendido na Casa de Espande, foi-nos concedido uma generosa porção desse papel para o nosso projeto.

Do tema a ilustrar

Para a recolha de expressões idiomáticas adoptamos o método explorado por Daniela Vieira no projeto de investigação *“Tiro e Queda. Fanzine de vocábulos do saber popular tradicional português”*, no âmbito do mestrado de Design de Imagem, apresentado à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Partindo da premissa de que *“a recolha de expressões idiomáticas junto das pessoas tem a vantagem de fornecer informações sobre a frequência da utilização e a atualidade das expressões”* (Jorge 1997, 12), notamos no projeto mencionado a tipologia de “cartão de visita” um meio exemplar para a recolha e registo de expressões orais da nossa cultura.

Assim, iniciamos a nossa recolha em contato próximo com as pessoas pelo preenchimento de cartões, entregues em mão. Nesta interação, com pessoas locais e conhecidas foram sugeridos livros, ideias e contadas histórias sobre a cultura local. As expressões idiomáticas como domínio do conhecimento comum geraram diálogo e pelo entusiasmo partilhado foi-nos concedida autorização para deixar cartões em espaços comerciais. O Café Camponesa e o mini-mercado adjacente são um ponto de encontro de vários moradores e trabalhadores da zona que, na pausa do almoço, confraternizam no ritual do café. Outro ponto estratégico para a recolha de expressões foi a farmácia Martins localizada no extremo norte do concelho de Marco de Canaveses. Nas nossas primeiras conversas com as pessoas verificamos como recordar expressões com o objetivo de as identificar, não é um mecanismo imediato. Estes locais são pontos de retorno para uma grande parte da população envolvente, o que cremos ter facilitado o exercício da memória. Não obstante, no decorrer deste levantamento, verificamos como os cartões mereciam maior atenção na nossa presença e por isso realizamos visitas frequentes aos locais.

No total foram reunidos 32 cartões e o total de 70 expressões, sendo que 4 repetidas e 1 ilegível.



Recolha e molho de papel proveniente do Museu.

As folhas de papel têm a dimensão de 90x123cm e são colocadas e dobradas aos pares na secagem, sendo que cada par de folhas é designado por “uma mão”.



Cartões “Trinta por uma linha” recolhidos.

Perante a situação provocada pelo COVID-19, foi necessário adaptar o método de recolha de expressões idiomáticas. Neste sentido, foi criado, no dia 16 de março de 2020, um curto questionário, através da plataforma online Survio. Os cartões “*Trinta por uma linha*” entregues e preenchidos em mão foram substituídos pelo questionário “*Dizeres de antigamente*”. Na impossibilidade do contacto direto com as pessoas, adoptamos uma abordagem clara de forma a favorecer o fluxo de contribuições e adaptada aos meios digitais. Tendo em consideração a experiência prévia na abordagem com os cartões, o questionário foi composto por quatro questões onde se procurou valorizar a problemática da memória. Como forma de difusão do questionário, utilizamos a rede de contactos do email e das redes sociais (Facebook e LinkedIn).

O questionário continua ainda em aberto, sendo que à data da redação deste documento contabilizamos o total de 68 participações das quais se reuniram 85 expressões. Desta soma, contabilizamos 10 repetidas e 1 excluída por não pertencer à língua portuguesa. Combinando com os resultados das recolhas presenciais, reunimos um total de 127 expressões.

1. Em conversas informais recorro a expressões populares para me fazer entender.

Muitas vezes

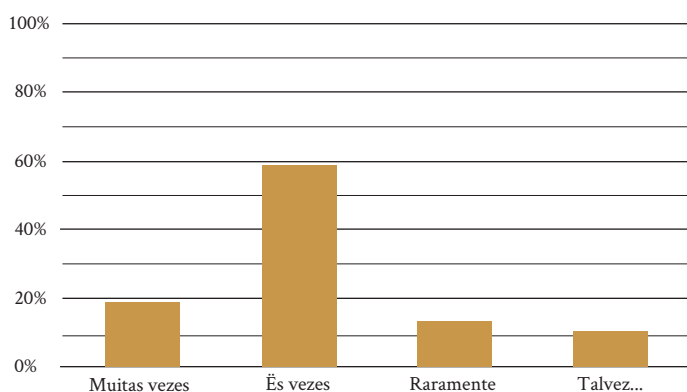
Às vezes

Raramente

Talvez, no decorrer das conversas não reparo

Primeira questão do questionário online.

<https://www.survio.com/survey/d/U5K5G9Q8X-1K5X9C4G>



Resposta	Respostas	Percentagem (%)
Muitas vezes	13	19.4 %
Às vezes	43	59.7 %
Raramente	9	13.4 %
Talvez, no decorrer das conversas não reparo	7	10.4 %

Resultados da primeira questão do questionário online.

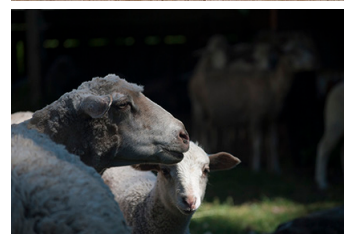
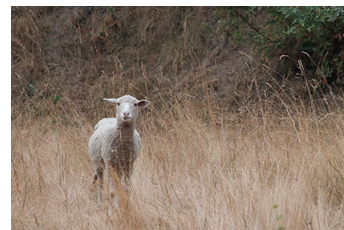
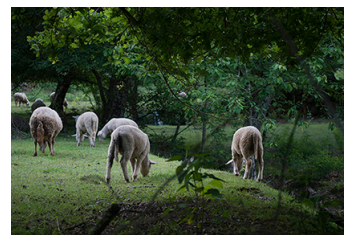
Do objeto de representação a ilustrar

Observando as imagens como fontes de informação e devido à especificidade do objeto de representação gráfica deste projeto, designamos duas vertentes na recolha e observação de dados com vista à criação do Trinta por uma Linha: o registo fotográfico *in loco* e a recolha de referências imagéticas.

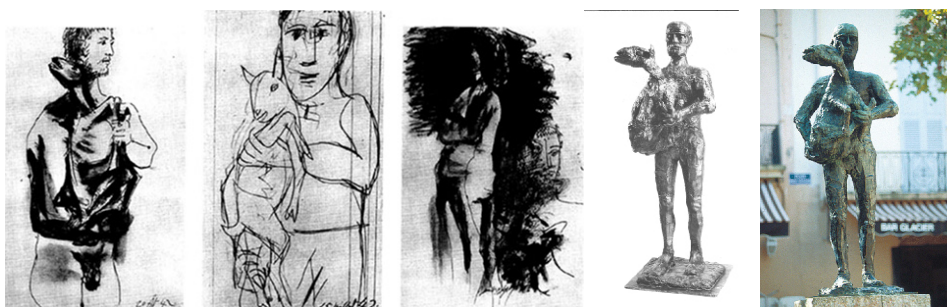
Com vista ao desenvolvimento visual do nosso projeto e apesar das ovelhas constituírem previamente um elemento presente na nossa paisagem, tivemos necessidade de nos envolver regularmente e redefinir as intenções do nosso olhar. Assim encontramos na prática do registo fotográfico um método auxiliar, desta vez com uma finalidade vinculada ao processo de criação.

Para o projeto, tivemos dificuldade em encontrar referências que exploram o tema das ovelhas a partir de uma prática artística contemporânea. A representação do tema atinge grande expressão no universo simbólico religioso, associado à representação de Cristo como Bom Pastor, Cristo Cordeiro do Sacrifício ou Cordeiro de Deus, representado na arte popular e erudita ao longo dos séculos. A título de exemplo, no presépio de Natal, verificamos como tradicionalmente, embora desempenhe um papel secundário, a iconografia teológica do rebanho persiste até aos nossos dias, perpetuado pela tradição de matriz popular.

Neste processo e por forma a expandir a nossa percepção visual sobre o tema, reunimos um conjunto de imagens que passamos a apresentar.



Registos fotográficos *in loco*. Apesar das ilustrações não resultaram da transferência fiel das imagens fotográficas, foram graficamente concebidas a partir dos registos *in loco* e consulta posterior. Em determinadas ilustrações nas quais encontramos maior resistência, repetimos o processo fotográfico, na procura de composições e pistas para a formulação de hipóteses.



Na Arte a iconografia da ovelha associada à simbologia religiosa está bem documentada ao longo da História na Pintura, na Escultura e mesmo na Arquitetura. Para este projeto foram procuradas referências nas quais, tanto quanto apuramos, esta correspondência não se verifica.

Por exemplo, em entrevista com o crítico de arte Stuart Morgan, sobre os animais conservados em formaldeído, Damien Hirst expressa:

"It's the banal animal that gives you the emotion. You wouldn't feel the same about a tiger".

Como fator comum nestas referências podemos anotar a dimensão afetiva desencadeada.



"Man with a sheep", Picasso; *"Flock of Concrete Sheep"*, Judith Hopf; *"Away from the Flock"*, 1994. Damien Hirst; *"Raisins"*, 2012. Keren Rosen.



<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/sou.2.3.23202310?journalCode=sou>
<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/485800>
<http://origin.www.metropictures.com/artists/judith-hopf>
<https://www.tate.org/art/artworks/hirst-away-from-the-flock--ar00499>
<https://www.kerenrosen.com/projects/raisins>



Símbolos Heráldicos do contexto português.

A representação Agnus Dei (=do latim, cordeiro de Deus) corresponde à simbologia icónica cristã, frequente na composição heráldica por todo o país.

Nesta recolha constatou-se o enraizamento da iconografia da ovelha, na tradição religiosa da nossa cultura, espelhada na representação simbólica do ordenamento do território das freguesias, vilas e cidades.

A seleção de imagens procura ser geograficamente diversificada, tanto na designação como na relação de proximidade/distância dos territórios aqui representados, sendo que existem outras não contempladas nesta composição.

S. João Batista - Castelo de Vide.
 Portalegre I Vilar do Paraíso. Vila Nova de Gaia. Porto; Moimenta da Beira. Viseu; Guidões. Trofa. Porto | Rocas do Vouga. Aveiro; Arga de S. João. Caminha. Viana do Castelo; Fajã da Ovelha - Calheta. Madeira; Barão de S. João - Lagos. Faro; Vila Boim. Elvas. Portalegre; Alvaredos. Vinhais. Bragança; Longos Vales. Monção. Viana do Castelo; Marco de Canaveses. Porto; Vila de Besteiros. Viseu; Távora - Tabuaço; Ribeira Seca - Vila Franca do Campo. São Miguel. Açores; S. João da Boa Vista. Coimbra; Rio Caldo. Braga; São Joaninho - Castro Daire. Viseu; Atalaia do Campo. Fundão. Castelo Branco; S. João do Peso. Vila de Rei. Castelo Branco; Capeludos. Vila Pouca de Aguiar. Vila Real; Pedrogão Pequeno, Castelo Branco; Espite - Ourém. Santarém; Ovil - Baião. Porto.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Heráldica_autárquica_portuguesa consultado a 15 de maio de 2020



Albuns/ Capas de CD

O conjunto de albúns reunidos propõe a diversidade na representação do objeto de estudo pelo gênero musical, país de origem, composição gráfica e ano de lançamento.

Este núcleo de investigação teve como estímulo a banda portuguesa Orelha Negra, pela associação de palavras homófonas: orelha (negra) e ovelha (negra).

THE KLF Chill Out. 1990 | Slipknot Day of the Gusano. 2017 | Black Sheep A Wolf in Sheep's Clothing. 1991 | Pink Floyd Dogs and Sheep. 1993 | Pearl Jam Vs. 1993 | Lamb Songs for the Flock. 1978 | Zdob (Shi) Zdob 450 Sheep. 2003 | Mantric False Negative. 2020 | Minor Threat Out of Step 2008 | Paul & Linda McCartney Ram. 1971 | The Cult The Cult. 1994 | Lay (4) Lay 02 Sheep 2017. | Kenso Yume No Oka. 1997 | Straight Hate Black Sheep Parade, 2019 (autor da capa Maciej Kamuda)| Nemoy + Djemeia Counting Sheep. 2018

<https://www.discogs.com>



Em contexto de Guerra.

Durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial a comunicação visual política reflete sobretudo a urgência em vestir.

A campanha “Knit your Bit” lançada pela Cruz Vermelha Americana ou “Make do and Mend” pelo governo britânico foram as mais frequentes nesta pesquisa. Deste período, chegou aos nossos dias variações do slogan britânico “Keep Calm and Carry On”. (1939)

“You can help” - Cruz Vermelha. EUA 1917
 “The enemy is coming - be on guard!” .Viktor Semenovich Ivanov. Rússia. 1945
 Twenty Sheep to equip and clothe each soldier...” Administração de Alimentos dos Estados Unidos. Divisão da Educação. Secção de publicidade. 1918-1919
 “Make do and mend”. Ministério da Informação Britânico. 2ª Guerra Mundial Inglaterra.
 Remember Pearl Harbor, Purl Harder. EUA 1942
 Our Jungle fighters want socks. Please Knit Now. Abram Games. Inglaterra 1942
 American Red Cross. Your boys Need Socks. Knit for them. Cruz Vermelha. EUA (1918?) (versão 2ª Guerra Mundial
 “Recovery Loan”. Henry Villain. 1920. França
 Our job. To cloth the men who work and fight. Austrália. 1939-1945
 Use it up - wear it out - make it do. Governo dos EUA, Departamento de Informação de Guerra. 1943
 Their future - worth fighting for. Worth saving for! Inglaterra 2ª Guerra Mundial.
 Knit a bit for our first line of defense. Comitê de Conforto da Liga da Marinha dos Estados Unidos. 1917
 “Make- do and mend”. Ministério da Informação Britânico. 2ª Guerra Mundial Inglaterra.
 This is why I’m buying war bonds” Governo EUA. 2ª Guerra Mundial.
 New Zealand Meat Producers Board. Wellington, New Zealand. 1930-1940
 Cartaz de preparação: Wool. 26 Sheep equip and maintain 1 soldier for a year. EUA 1942

Processo

Enquadramento conceptual

O projeto gráfico Trinta por uma linha pretende recorrer ao estudo do Design da Imagem para favorecer uma interpretação informada na conversão de expressões idiomáticas para a ilustração e incorporar os conceitos de valorização de expressões enquanto parte significativa da cultura popular portuguesa e a partilha deste nosso património cultural incorpóreo.

Considerando a fundamentação teórica em torno da comunicação visual, aliada às observações explanadas nas metodologias práticas procuramos desenvolver um objeto de aspeto manual, próximo e afetivo, numa aproximação à cultura e literatura popular, que convide a refletir sobre as imagens que temos na cabeça. Partindo de um tema, como as expressões idiomáticas, propício à formulação de imagens de natureza diversas, convocamos as ovelhas para dar forma ao Trinta por uma Linha e promover a coerência e a eficácia comunicativa mantendo as características referidas.

Interpretação visual

Com o objetivo de criar um universo imagético para o nosso projeto, baseado nos aspetos mencionados anteriormente, analisamos aqui o desenvolvimento conceptual da ilustração.

Numa primeira fase optamos pela concertina como desdobramento de ideias e organização do registo visual, recorrendo à técnica de brainstorming. Uma vez que as expressões idiomáticas são sempre compostas por duas ou mais palavras, encontramos o primeiro desafio de condensar a narrativa numa única imagem. Numa primeira fase, a técnica aplicada, o formato e a dimensão destes objetos permitiu-nos assim ter uma percepção organizada sobre direções possíveis para cada expressão idiomática em estudo.

Porque não podemos “sair da nossa pele” vemos as imagens a partir das nossas vivências. (Scheinberger 2018, 4) Com isto, partimos para as ilustrações nas quais foram experimentadas possibilidades de representação: no domínio da casa, objetos do quotidiano e as ovelhas. Reavaliamos os temas de representação, com a finalidade de produzir um conjunto de ilustrações coerente do ponto de vista visual e conceptual. O tema a ilustrar foi progressivamente redefinido até convergir na representação da ovelha.



Concertinas 6x9cm. Ilustrações a caneta preta.



Esboços A4 a caneta preta digitalizados e esboços criados em suporte digital.

é preciso ter lata; fia-te na virgem e nãourras; o que é barato cheira a rato; sair de fininho; as paredes têm ouvidos; encher chouriços; picar o ponto; pano para mangas; pensar alto; a pressa é inimiga da perfeição; pensar alto; já não está aqui quem falou; o que vem à rede é peixe; pano para mangas.

Corpo de expressões

A recolha de expressões configura a seleção preliminar para a produção do nosso objeto editorial. Contudo, foi necessário conter o corpo de expressões a trabalhar. Este foi um processo não-linear conjugado com o processo ilustrativo. Não obstante, procuramos alicerçar as nossas escolhas nos autores estudados.

O universo idiomático é vasto e, como vimos anteriormente, existem variantes linguísticas de diversas ordens para a sua configuração. Para uma identificação cuidada de expressões, fundamentamos esta fase de seleção segundo os autores estudados e consultamos dicionários de expressões idiomáticas.

Por fim, no objeto final, trabalhamos sobre as seguintes trinta e uma expressões:

Trinta por uma linha;
Pesar figos;
Sem pés nem cabeça;
Todos no mesmo barco;
Onde há fumo à fogo;
Pensar alto;
Amor com amor se paga;
A casa da mãe Joana;
O que vem à rede é peixe;
Em terra de cego quem tem olho é rei;
Cá se fazem cá se pagam;
Já não está aqui quem falou;
Remar contra a maré;
A pressa é inimiga da perfeição;
Picar o ponto;
Agulha no palheiro;
Tapar o sol com a peneira;
O pior cego é aquele que não quer ver;
Sair de fininho;
As paredes têm ouvidos;
É preciso ter lata;
Pôr o pé em falso;
À noite todos os gatos são pardos;
Carta fora do baralho;
Pano para mangas;
Chover no molhado;

À grande e há francesa;
Tal pai tal filho
Meter o nariz onde não é chamado;
Dar com a língua nos dentes;
Quem tem boca vai a Roma.

As ilustrações foram pensadas sobre os mesmos critérios gráficos assim como na produção de significado.

Desenvolvimento conceptual

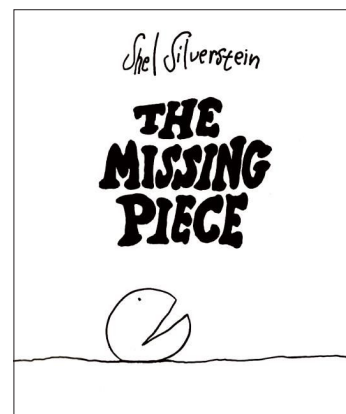
Como representação interpretativa da tradição oral, foi incorporada a linha de contorno, evocando os traços estruturais da *forma*, à economia de meios - como o ilustrador Gémeo Luís escreve - associados à tradição. Para o projeto, esta técnica permite-nos ainda estreitar as relações entre o aspeto formal e a semântica do objeto de representação. É assumida a linha interrompida, a transparência e a sobreposição no sentido de criar expectativa. Os espaços vazios foram tidos em conta, como parte da leitura, onde podemos ampliar o dramatismo e cultivar o mistério.

Durante o processo de ilustração procuramos estabelecer relações entre o tema e o objeto de representação através de um conjunto de critérios gráficos e na produção de significado.

No todo, optamos por conter a narrativa na representação de ovelhas sem envolver elementos externos. Para isso, como referido anteriormente, recorremos às fotografias; auxiliamo-nos na consulta de definições das expressões e na apropriação de palavras derivadas, para o desenrolar de um fio condutor que nos levasse à produção de sentido.

No sentido de produzir uma relação de convivência entre o texto e a imagem foram utilizadas operações retóricas para gerir as ilustrações. Recorremos à ambivalência, redundância, complementaridade, ironia, ambiguidade, comparação, analogia e à metáfora.

Uma vez que as expressões são flexíveis, ou seja, admitem variações mediante o contexto, não as ordenamos por ordem alfabética. Procuramos fixá-las no infinitivo, salvo exceções onde o grau de fixidez é maior. De seguida apresentamos as ilustrações e descrevemos a lógica de pensamento de cada uma.



Capa do álbum ilustrado "The missing piece", Shiel Silverstein.

"Este estereotipo de la forma, simplificada en extremo, se corresponde con lo estereotipado del contenido: el album se centra en la interrogación existencial."

(Van der Linden 2015, 42)

<https://www.shielsilverstein.com/9780060256715/the-missing-piece/>



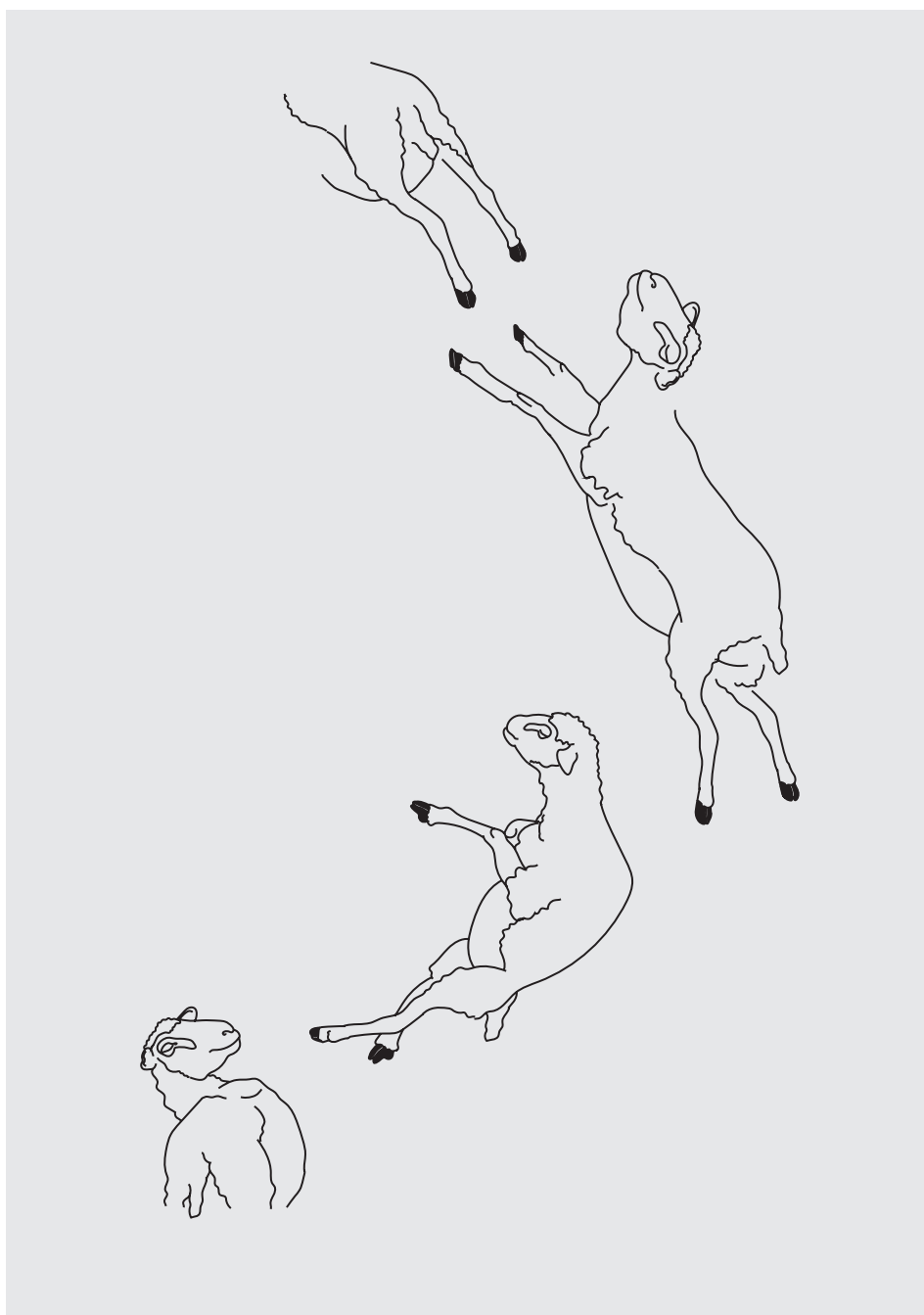
Pesar figos

“dormitar; passar pelas brasas; descansar, dormir”.¹

palavras chave: a tranquilidade, o repouso, a refeição, a saciedade.

Segundo Pierre Nodelman, investigações comprovam que tendemos a prestar maior atenção em imagens de pessoas acima de qualquer outro tema de representação. (Nodelman1988) Com as expressões idiomáticas a ilustrar, tornou-se cada vez mais evidente a preferência pelo registo de “personalidades”, característica que procuramos fixar nas ilustrações. Do rebanho, passamos a prestar maior atenção às ovelhas isoladamente.

¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas” Nogueira dos santos. (2002)



Sem pés nem cabeça

*“sem nenhum sentido ou lógica.
- com pés e cabeça”.¹*

Palavras chave: o absurdo, o sonho, a fantasia.

Convocamos a natureza do subconsciente para atribuir lógica aos acontecimentos da narrativa. No sonho, a ovelha observa-se e desdobra-se no espaço numa espécie de voo. Apelamos à redundância pela ausência: dos pés em baixo e da cabeça em cima.

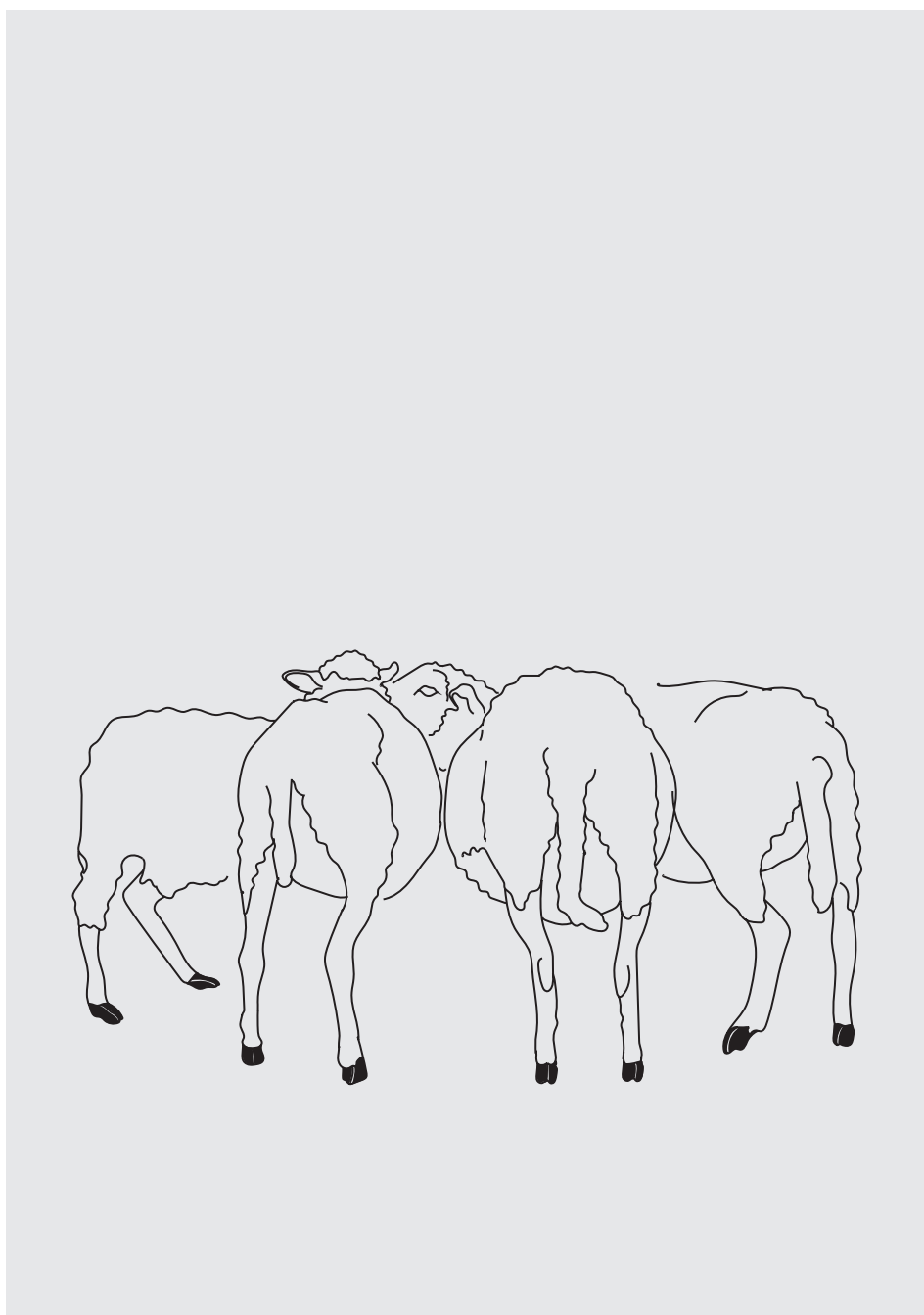
¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



Estamos todos no mesmo barco

Palavras chave: a união, a expectativa, a suspensão.

A ideia passou por representar a união através de uma composição circular e centrada, sustentada pela linha contínua, reforçando assim a ideia da concentração dos elementos e da suspensão da ação na parte superior da página.



Onde há fumo há fogo

“não há indícios sem fundamentos”¹

Palavras chave: a suspeita, a dúvida, o mistério.

O desafio a ilustrar consistiu em criar uma composição que levasse a suspeitar da imagem. Para isso ilustramos quatro ovelhas a convergir num ponto e de costas voltadas para o leitor. A ação ocorre parcialmente oculta sem que se determine com certeza a quais das ovelhas pertencem parte das duas cabeças visíveis. Ainda que o jogo de percepção não interfira com o significado pode contribuir para ampliar a suspeita. Além disso, consideramos o efeito curioso com possibilidade de aplicação e desenvolvimento futuro.

¹ “Dicionário de expressões correntes”
Orlando Neves. (2000)



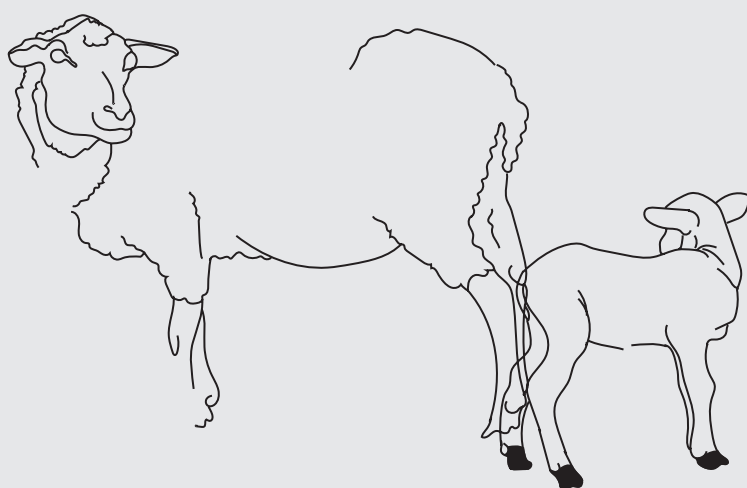
Pensar alto

“falar sem refletir, à medida que as ideias vão ocorrendo ao espírito.”¹

Palavras chave: a partilha; o pensamento, a verticalidade; o diálogo.

Partindo da interpretação, a expressão acontece num ambiente familiar e próximo que nos envolve. Seja com familiares ou amigos próximos, a liberdade de partilhar pensamentos muitas vezes pode promover a partilha de ideias e a entajuda que a todos beneficia. Assim, procuramos ilustrar um diálogo construtivo entre as personagens numa leitura vertical, de baixo para cima.

¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos (2000)

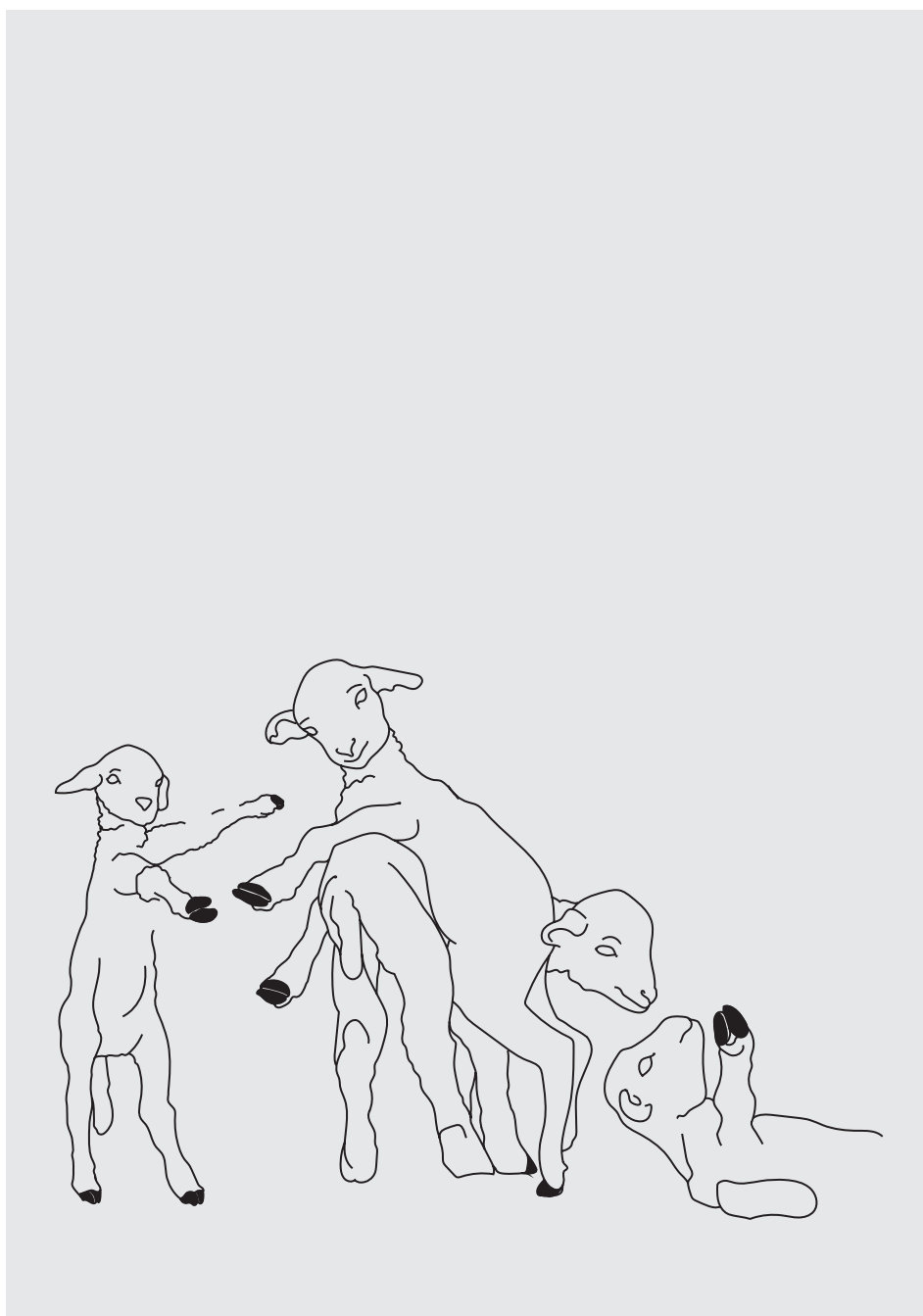


Amor com amor se paga

Palavras-chave: o amor, a liberdade, o vínculo, a reciprocidade, o ciclo da vida.

Partindo do arquétipo do amor na relação mãe e filho, as personagens estabelecem um contato circular pela posição do corpo e do olhar no qual a linha se sobrepõe. Nesta ligação profunda, é sugerida a direção dos elementos, em trajetos opostos, sugerindo a liberdade, a independência, o ciclo da vida.

Consideramos relevante mencionar a animação “O Cordão” (2018) do diretor ucraniano Aleksandr Bubnov. A narrativa ilustra o percurso de uma relação de codependência entre uma mãe e um filho que se recusam a “cortar o cordão umbilical”, e que os priva da descoberta e da liberdade de amar. A representação física da linha/cordão ao longo da narrativa denuncia a sucessão de prejuízos causados pelo desvio no contacto com o exterior e a fatalidade de uma simbiose destrutiva.



A casa da mãe Joana

“local onde reina a desordem, confusão.”¹

Palavras chave: a casa, a desordem, a ausência.

Pela associação de palavras optamos pela representação de uma mãe ausente para permitir a desordem entre os filhos/crias. A composição da ilustração e o espaço vazio pretendem sugerir a ideia de telhado.

Foi uma expressão recorrente nas respostas ao questionário online. A título de curiosidade verificamos que a origem da expressão remete para Joana I, rainha de Nápoles, em França, que viveu durante a Idade Média. Com a morte do rei teve uma vida atribulada. Aos 21 anos, geria os bordeis na cidade onde vivia refugiada. Um dos lemas dizia: *“O lugar terá uma porta por onde todos possam entrar.”*

¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



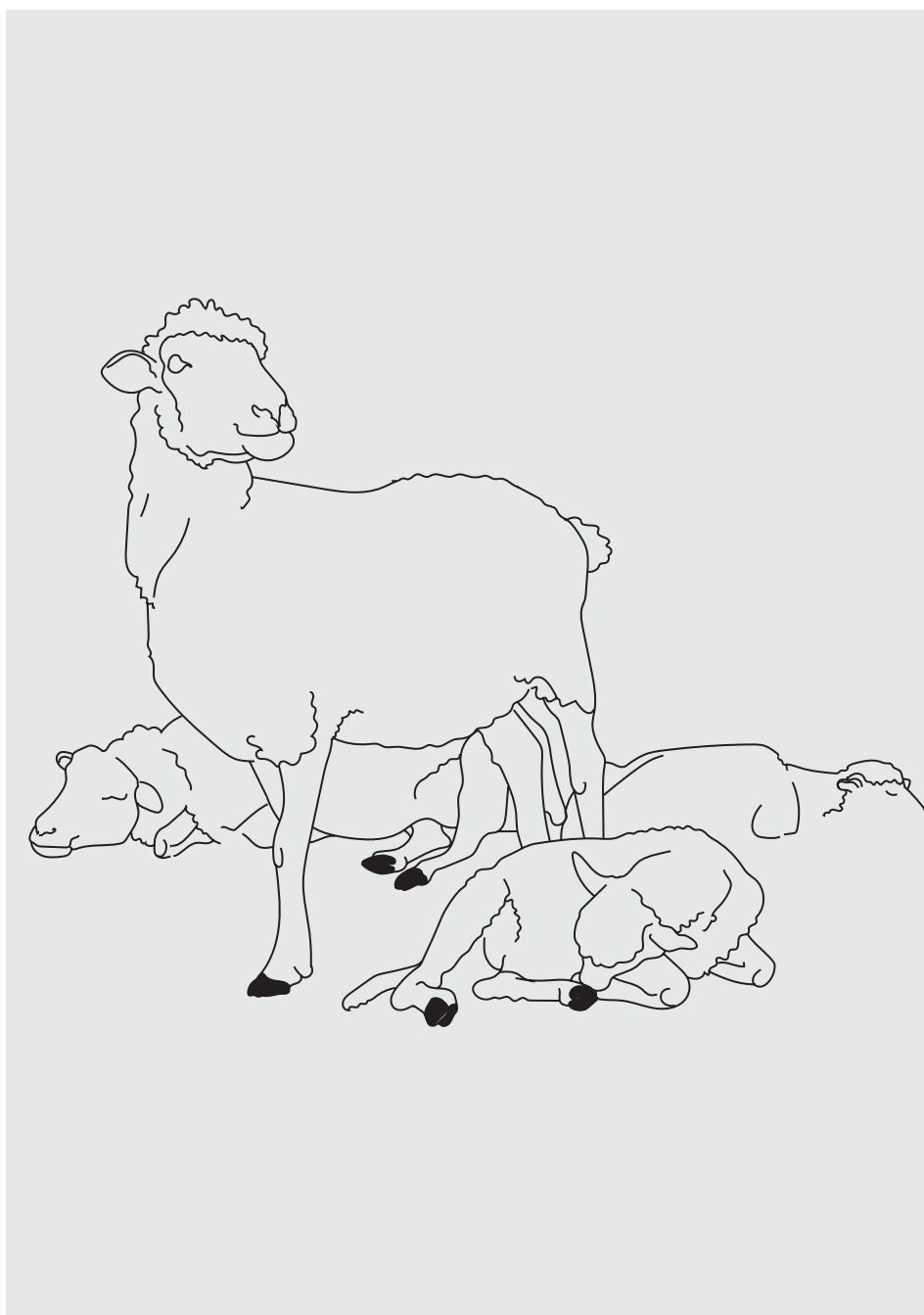
O que vem à rede é peixe

“tudo o que vem à / na rede é peixe (pop): tudo pode ser aproveitado para qualquer fim”¹.

Palavras chave: a facilidade, a simplicidade, ausência de esforço.

As ovelhas são animais herbívoros, pastam durante todo o dia e comem quase todo o tipo de plantas com que se cruzam, razão pela qual são um recurso para manter grandes áreas de terreno limpas. Mas as ovelhas não comem apenas ervas do campo: plantas de jardim, legumes, árvores de fruto e os frutos inclusive estarão em perigo se estiverem ao seu alcance. No entanto, as ovelhas comem frutos ou ervas daninhas com o mesmo grau de satisfação ou, pelo menos aparentam: basta inclinar o pescoço e ingerir sem grandes alaridos.

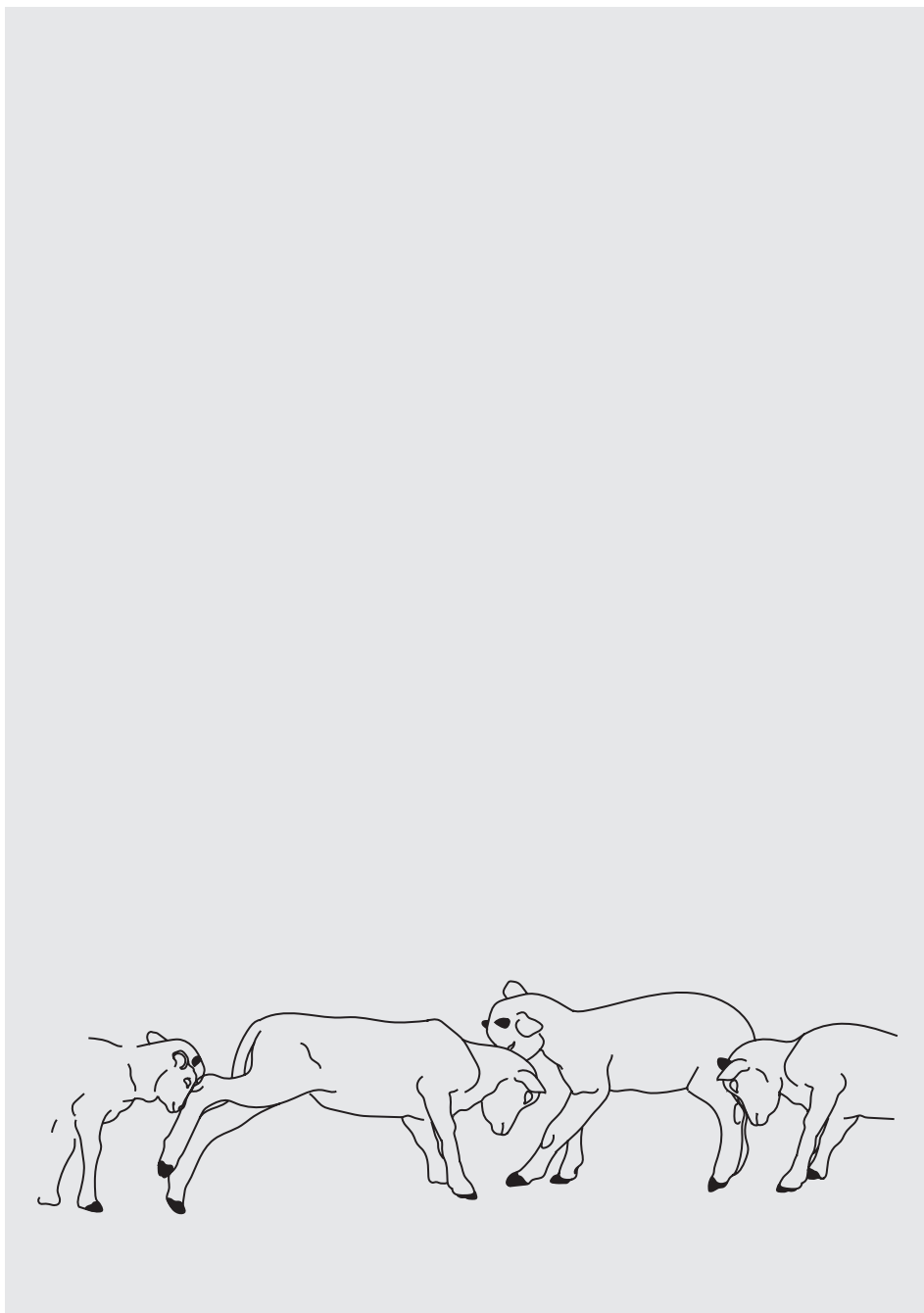
¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



Em terra de cego quem tem olho é rei

Palavras chave: o destaque, a supremacia, a vénia, a proteção.

Recorrendo ao arquétipo da figura de rei, pretendeu-se criar uma composição onde a figura se destaca pela verticalidade, assumindo uma posição de primeiro plano. Foi procurado sugerir o dever de proteção pelos outros.



Cá se fazem cá se pagam

“Diz-se a alguém que sofreu qualquer dissabor, após ter provocado idêntico dissabor a outrem; ameaça de desforço ou vingança.”¹

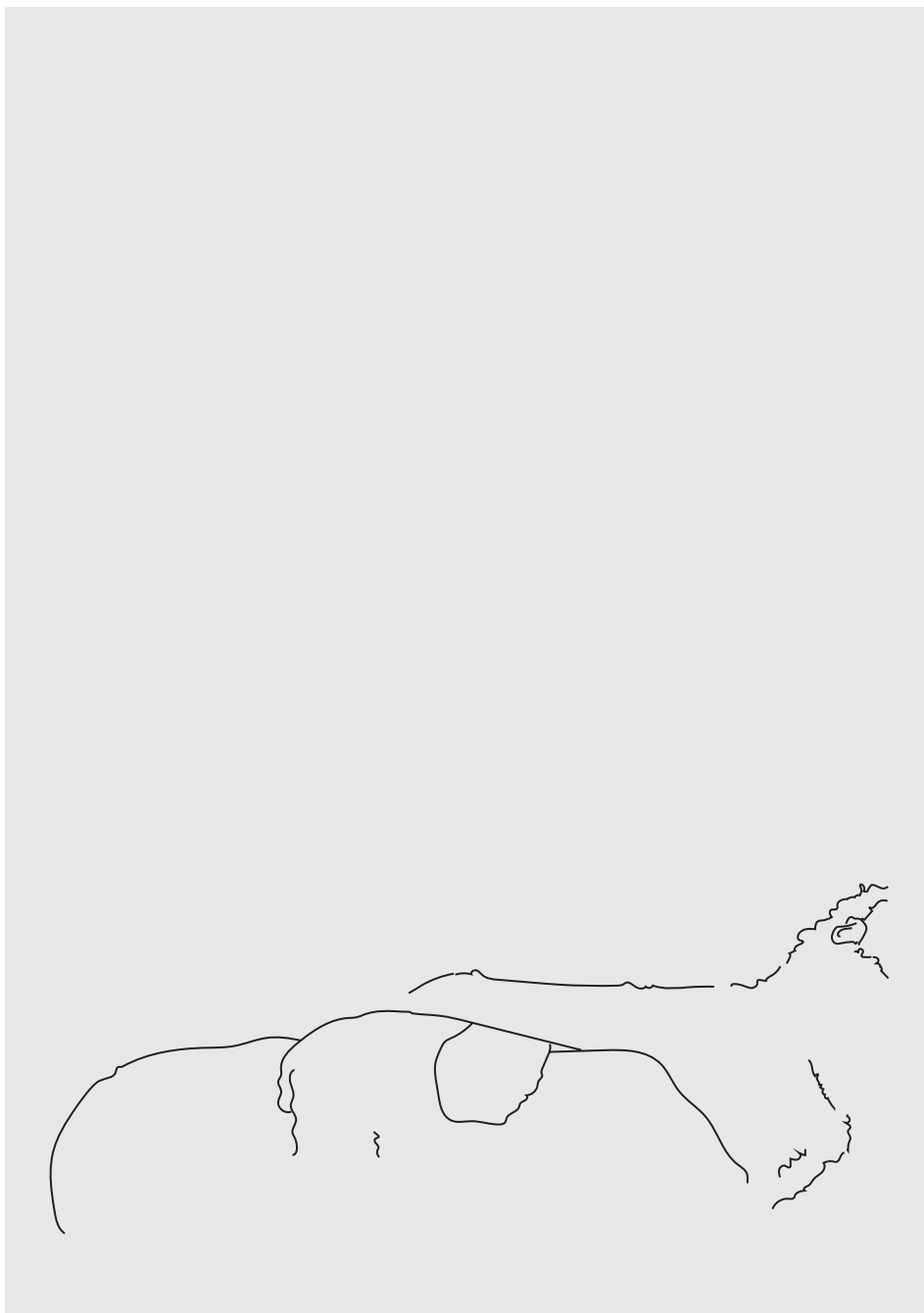
Procuramos representar a simultaneidade e a consequência associado ao fenómeno de causa/efeito.

A relação da composição com o espaço vazio foi tido em conta ao longo do processo de todas as ilustrações. Neste caso, tencionamos aumentar o drama e a tensão da ação.

Palavras chave:

a simultaneidade; a ação e a consequência; a tensão; a disputa, a vingança.

¹ <https://ncultura.pt/14-frases-feitas-da-lingua-portuguesa-e-seu-significado/>



Já não está aqui quem falou

*“Já cá não está quem falou!
(pop): exclamação com que o
orador retira a afirmação ou co-
mentário que acaba de fazer, por
reconhecer ter-se enganado.”¹*

Palavras-chave: a subtração, a retirada, a simplicidade, o minimalismo da forma.

1 1 “*Novos dicionários de expressões idiomáticas*”. Nogueira dos Santos. (2000)



Remar contra a maré

“Ir/ remar contra a maré/ corrente (fig): opor-se às opiniões dominantes; resistir à tendência dominante dos acontecimentos.”¹

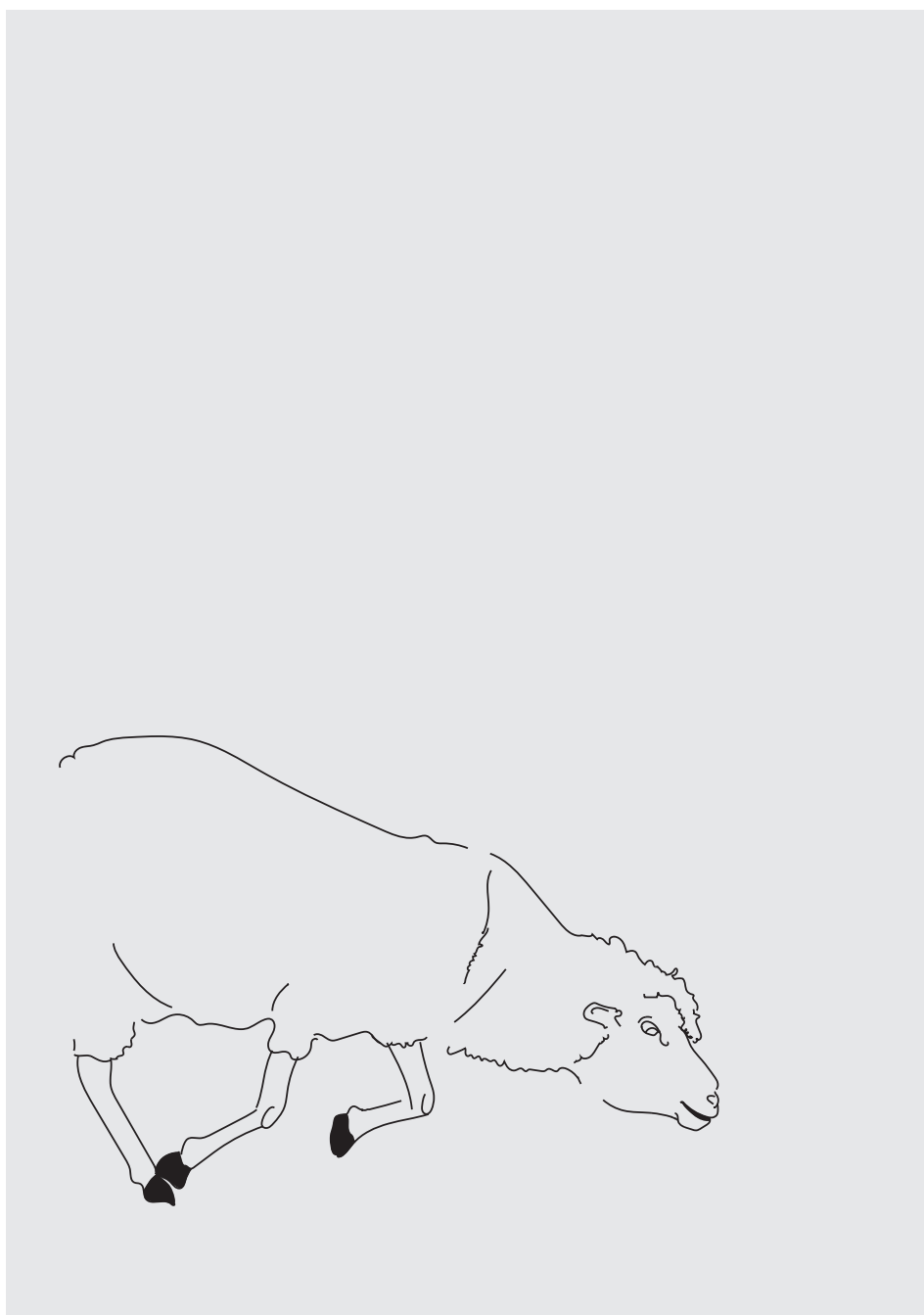
As ovelhas, que caminham da direita para a esquerda, como maré a recuar, enquanto que, em oposição, a ovelha acima da linha de horizonte oferece resistência, caminhando em sentido inverso.

Procuramos sugerir movimento na narrativa e relembramos o conceito de *figura serpentinata*². Através da representação repetitiva das patas que na composição simula uma onda.

Palavras chave: a resistência; o destaque, o movimento.

1 1 “*Novos dicionários de expressões idiomáticas*”. Nogueira dos Santos. (2000)

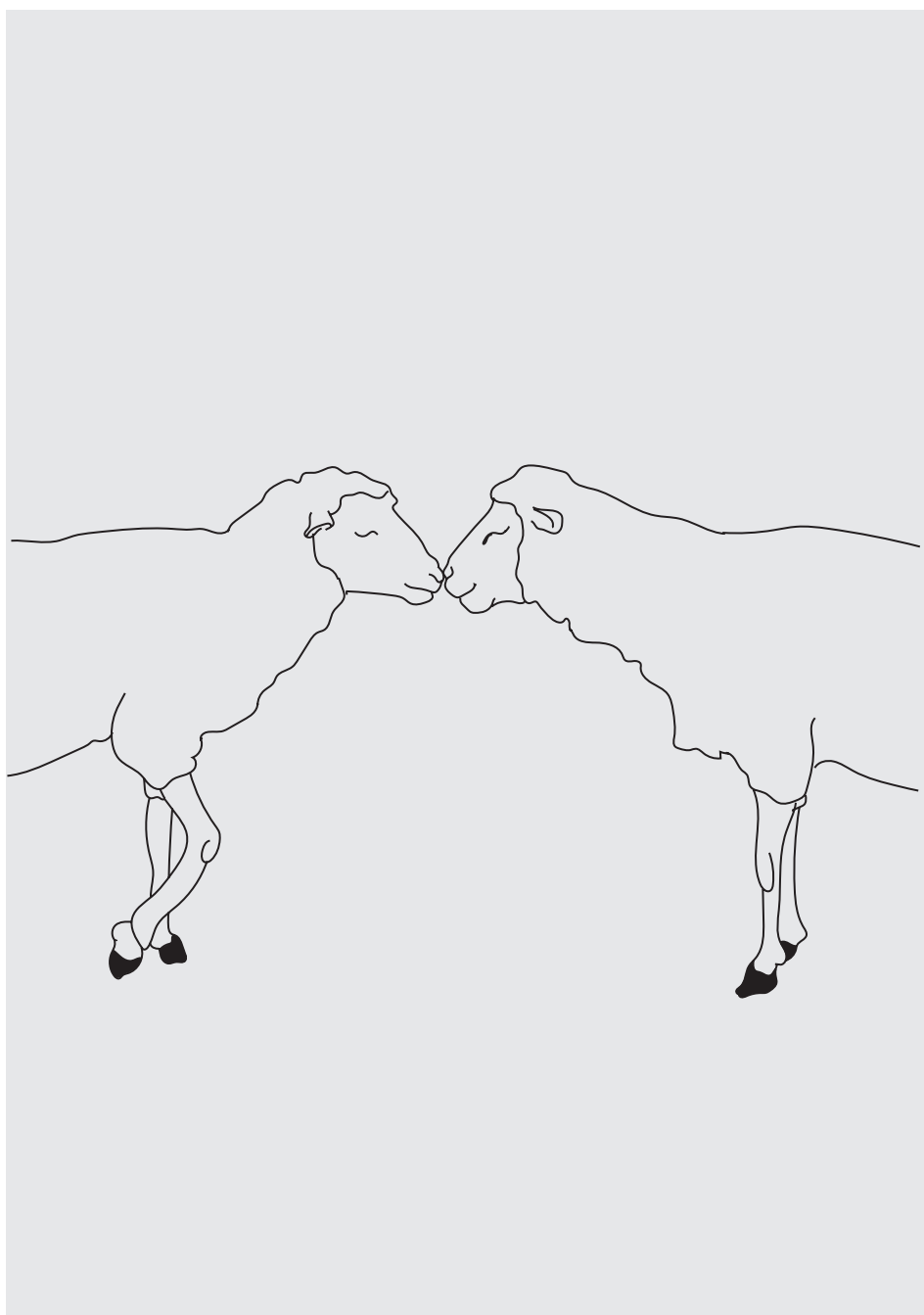
2 expressão italiana com origem no Renascimento e que significa “figura em forma de serpente” para designar o movimento sugerido pelo enlace das figuras sobretudo na escultura.



A pressa é inimiga da perfeição

Recorrendo às palavras da expressão pretendeu-se convocar a noção de inimigo pela associação da fuga. A ação antecede o momento de deslize para sugerir o acontecimento expectável. Para o efeito, a composição sugere a leitura, da esquerda para a direita, em trajetória diagonal, de cima para baixo, em aproximação ao limite inferior da página.

Palavras chave: a precipitação, o deslize, o erro, a fuga.



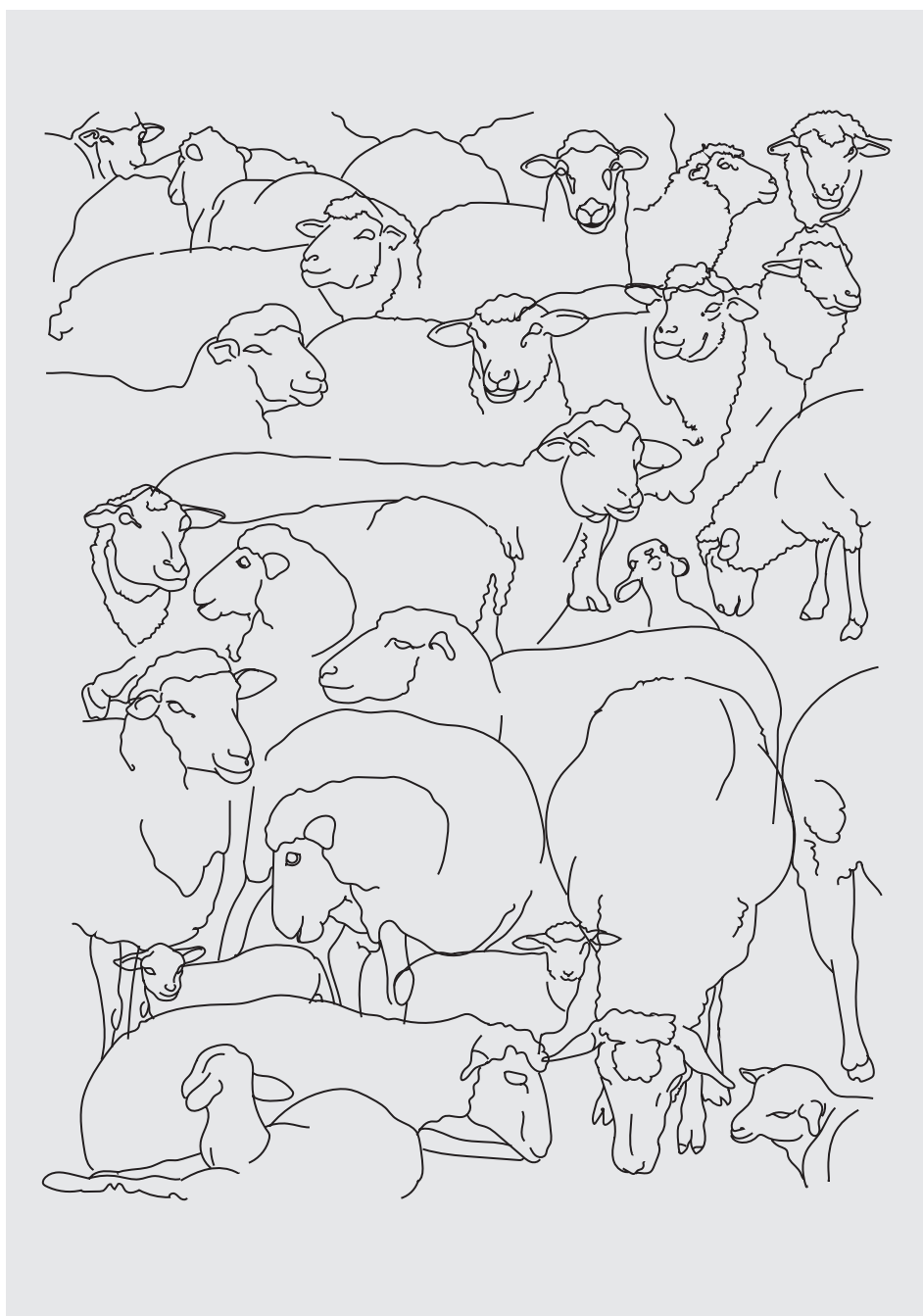
Picar o ponto

O dicionário Priberam aponta uma longa lista que contextualiza significados distintos entre si, no conjunto das palavras e separadamente, entre as quais: “*Fazer o registo da entrada ou da saída de um local de trabalho. / ponto de intersecção, ponto em que duas linhas se cruzam.*”¹

Na região norte, em particular no distrito do Porto a expressão codifica a palavra namorar.

Palavras chave: a simetria, o equilíbrio, o contato, a intersecção das linhas, do corpo, da forma. A chegada e a partida, a cumplicidade.

¹ <https://dicionario.priberam.org/picar%20o%20ponto>.



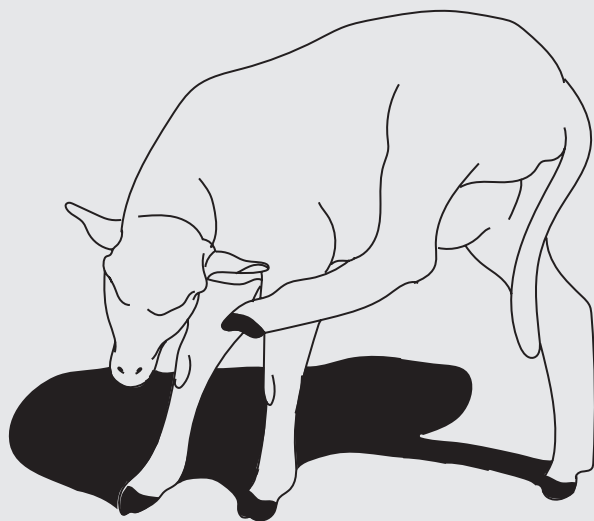
Agulha no palheiro

“Tentar encontrar coisa muito difícil de achar, no meio de grande confusão.”¹

As linhas ocupam a totalidade do espaço sugerindo que a procura se estende para lá dos limites do papel e a amplitude e a dificuldade em encontrar.

palavras chave: a procura, o mapa, a abundância das linhas, a dificuldade, o padrão.

1 1 “*Novos dicionários de expressões idiomáticas*”. Nogueira dos Santos. (2000)



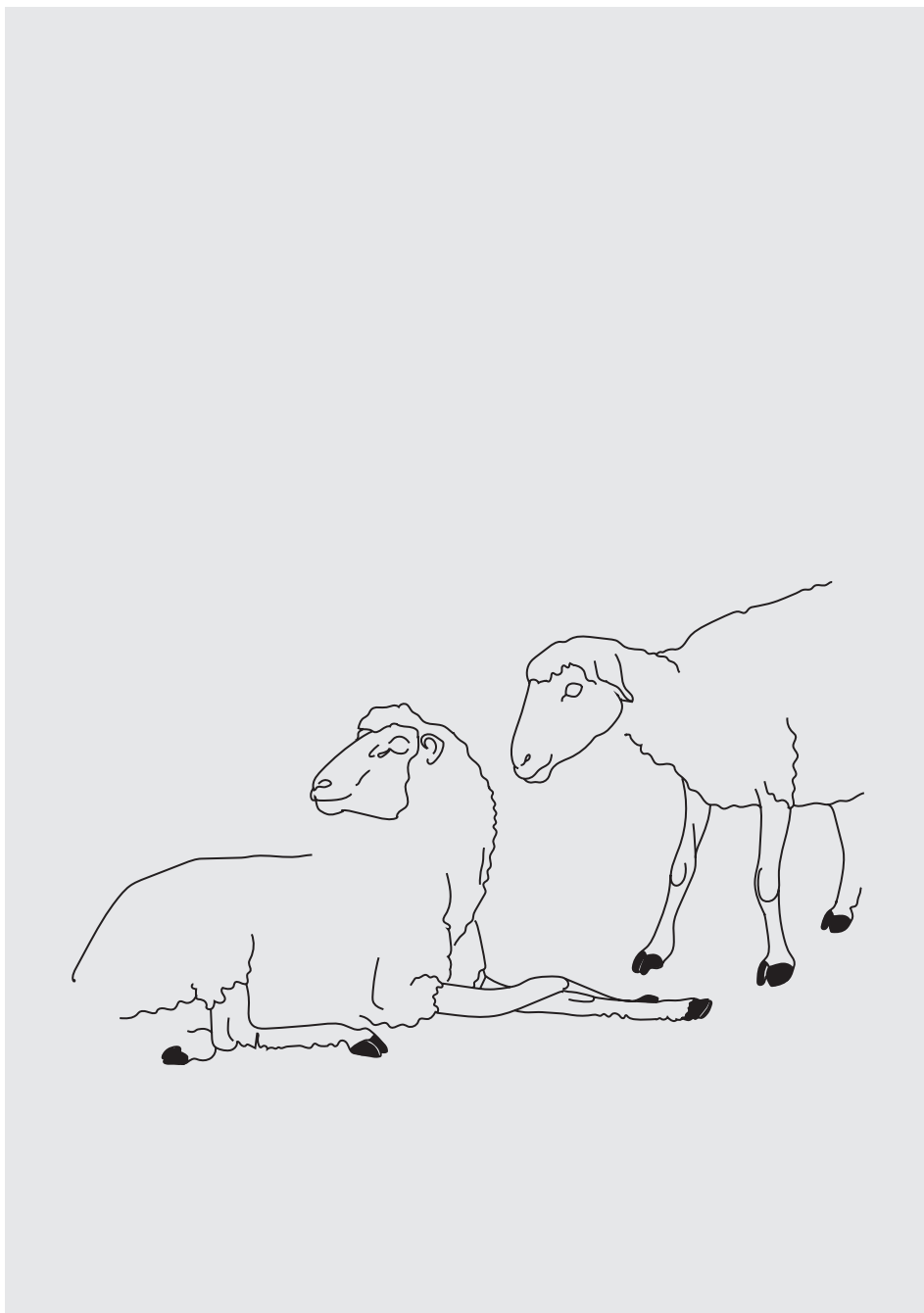
Tapar o sol com a peneira

*“tentar esconder o que é obvio, especialmente por meios ridi-
culamente ineficazes.”¹¹*

Pretendeu-se sugerir a in-
cendência diagonal da luz
pela composição da linha e
da mancha, para aumentar o
dramatismo da ação. A com-
posição é centrada, como um
palco, colocando o elemento
isolado e exposto à ridiculari-
zação.

Palavras chave: o sol e a som-
bra, esconder, a tentativa, a
inutilidade, a ineficiência; o
desadequado, o ridículo, en-
cobrir e expor.

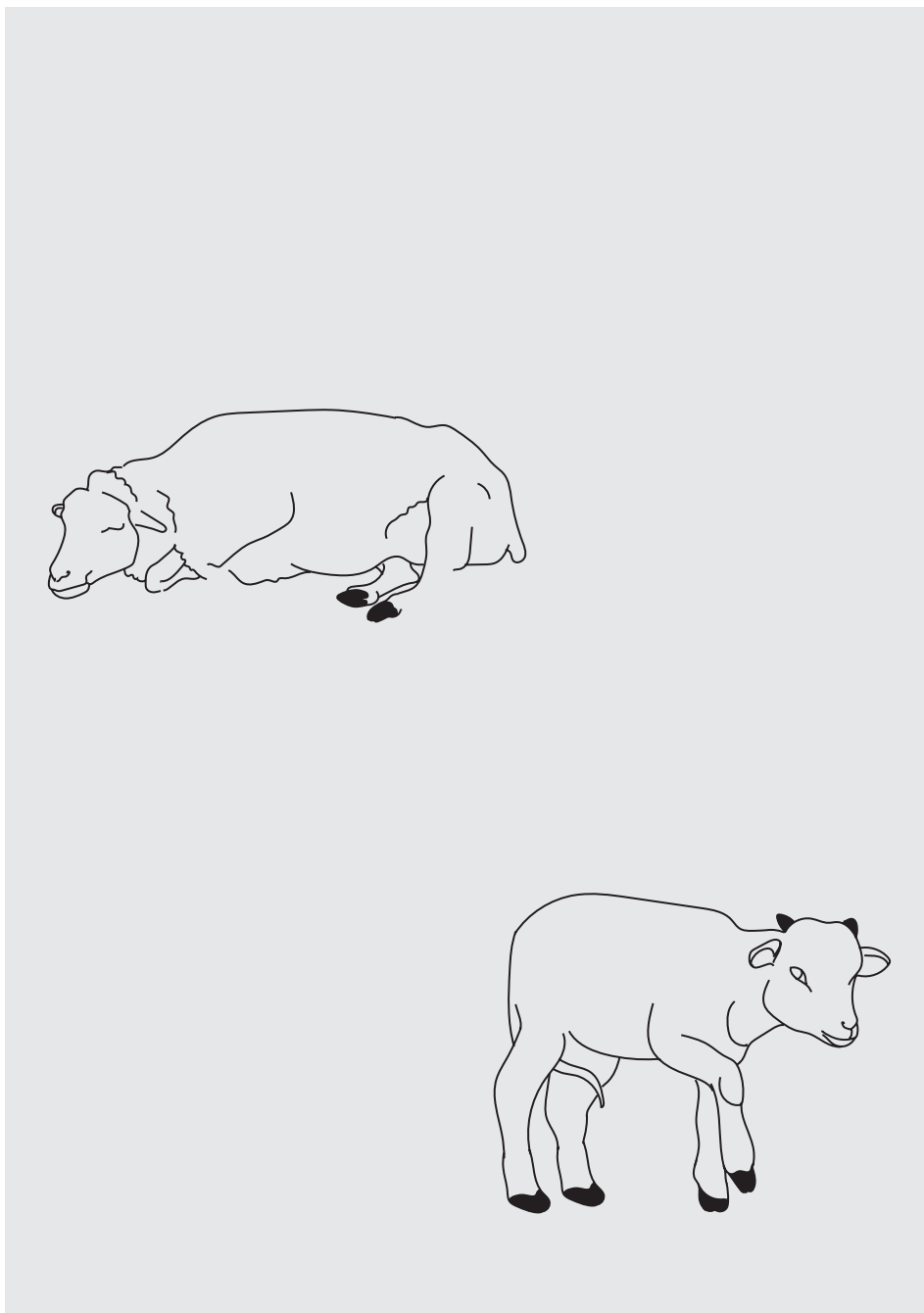
¹¹ “*Novos dicionários de expressões idi-
omáticas*”. Nogueira dos Santos. (2000)



O pior cego é aquele que não quer ver

Ao longo das ilustrações, numa abordagem que pretende humanizar os contextos, procurou-se reinscrever emoções, atitudes e comportamentos, inerentes ao universo idiomático.

Palavras chave: a teimosia, a ignorância, a desconsideração, a falha da comunicação; o emissor e o recetor; a persistência e a relutância.

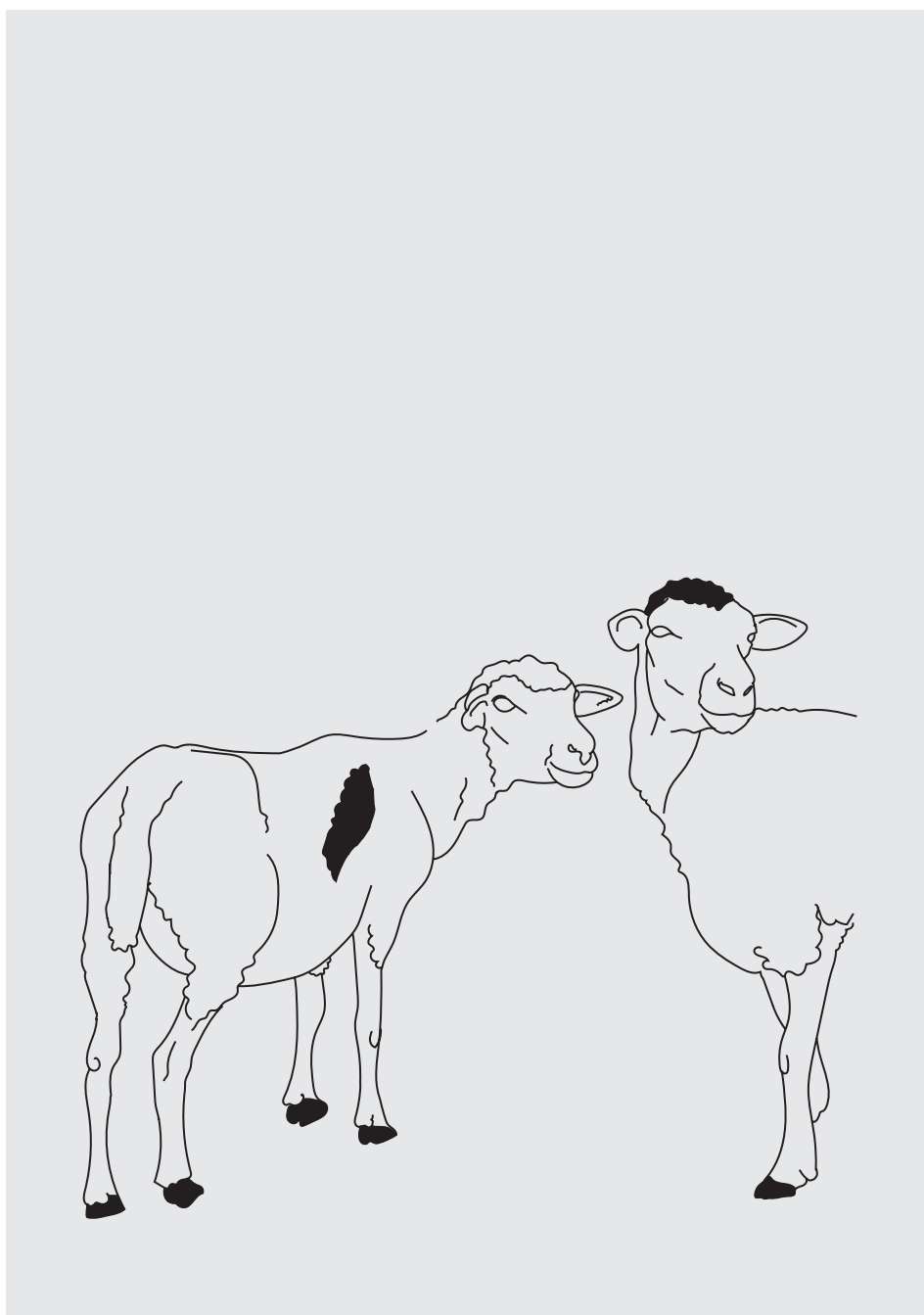


Sair de fininho

“Sair de um local sem ser observado.”¹

Palavras chave: a retirada; a discrição; a distância, o movimento.

¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



As paredes têm ouvidos

“locução usada para advertir dos perigos das indiscrições.”¹

Para a ilustração recorremos ao mistério pela suspensão da ação. As ovelhas encontram-se à espreita atentas a uma situação alheia e que acontece para lá dos limites do papel. As manchas pretas pretendem insinuar o pendor negativo da ação.

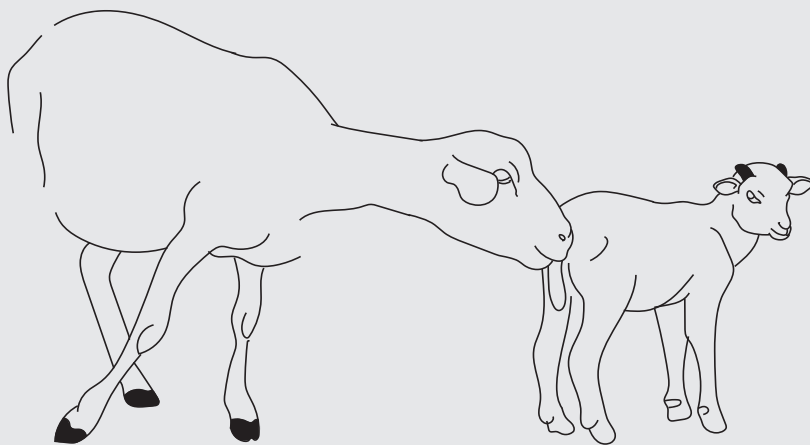
Palavras chave: a atenção; o oculto; o mistério, a curiosidade, a dualidade da ação, o ouvinte e o interlocutor.

¹ 1 “*Novos dicionários de expressões idiomáticas*”. Nogueira dos Santos. (2000)

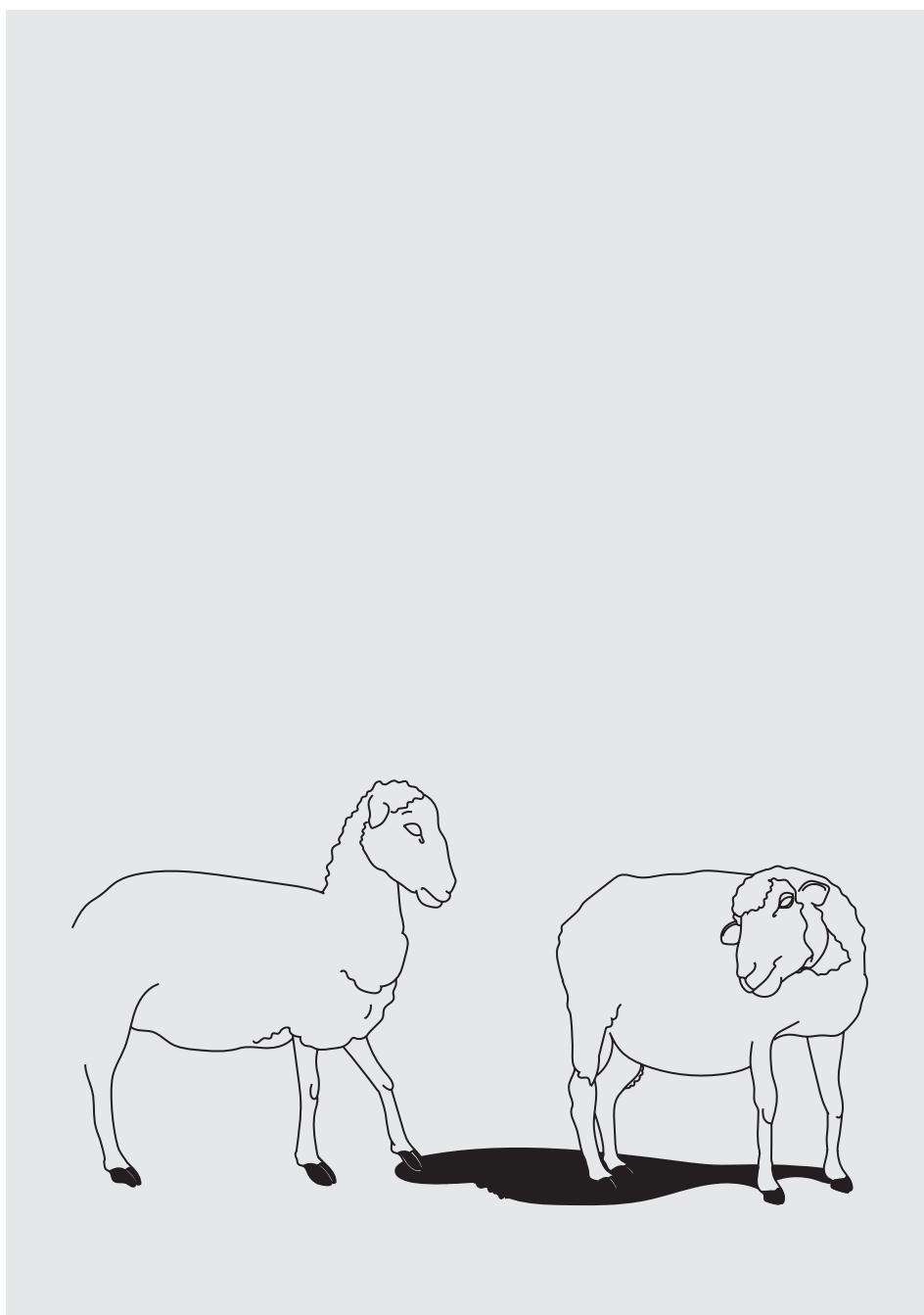
É preciso ter lata

“ter o atrevimento, o descaramento de.”¹

Palavras chave: o atrevimento, o desrespeito, a transgressão, a violação.



¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



Pôr o pé em falso

“Pôr o pé em falso (pop): não pousar o pé no momento ou lugar devido, correndo o risco de cair; fig) dizer ou fazer alguma coisa errada ou em momento inoportuno.”¹

Começamos com a intenção de ilustrar a sombra como metáfora para um buraco mas também associamos à ideia de falso.

Questionamo-nos sobre a relação de um objeto com a sua projeção. Sendo a sombra a projeção de um objeto de certo modo lhe pertence. A intenção foi aumentar o grau de pertença, num cenário palpável, pela invasão do espaço e a tensão provocada.

Palavras chave: expectativa do erro, a tensão da ação, o dramatismo.

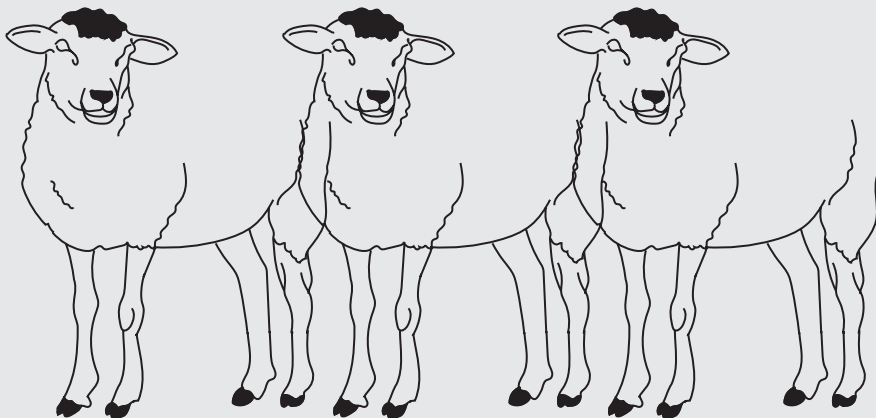
¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)

À noite todos os gatos são pardos

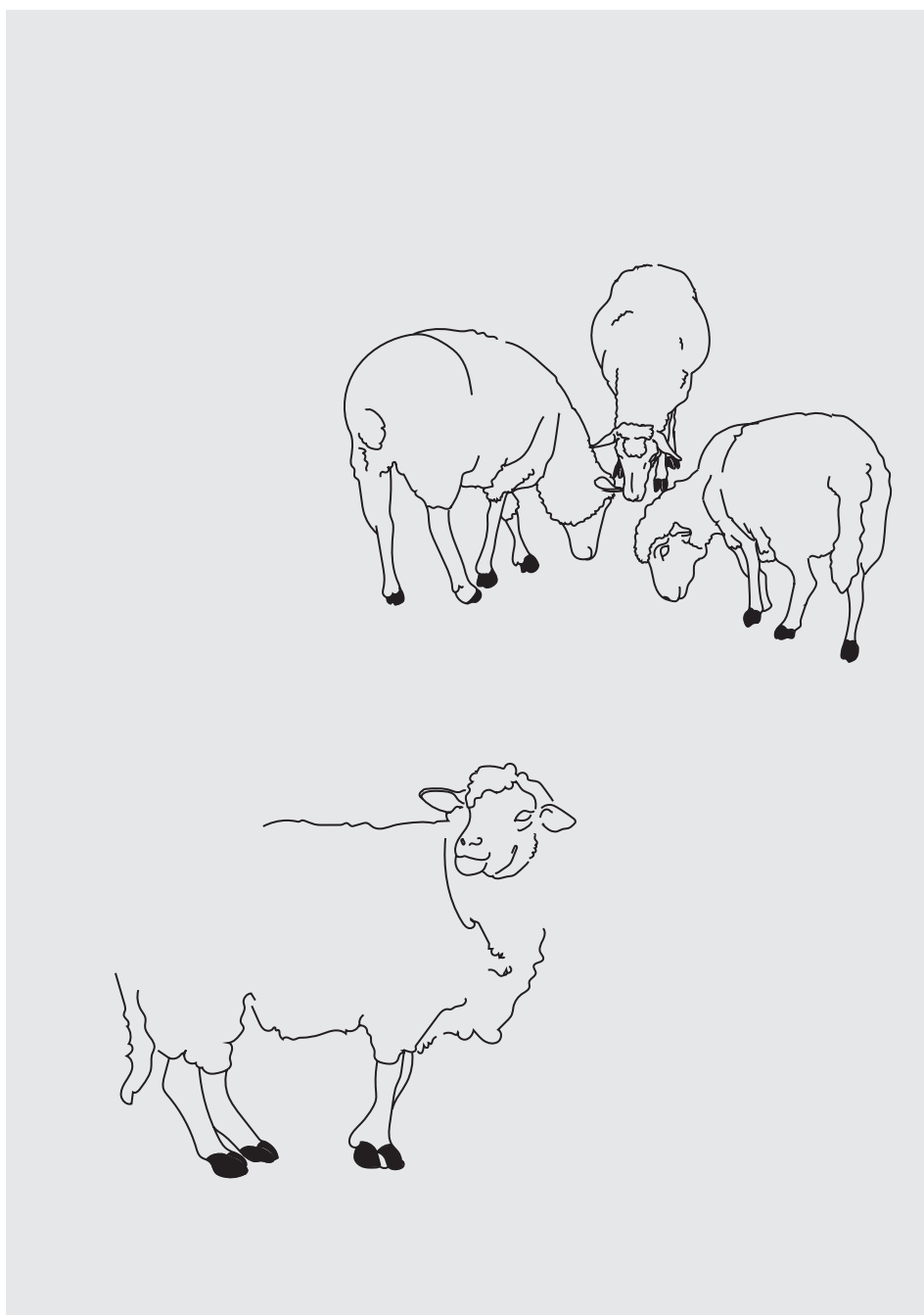
“Na escuridão é impossível distinguir, reconhecer, identificar as coisas ou as pessoas.”¹

Admitimos a repetição das formas, numa configuração organizada, como meio à indistinção.

Palavras chave: a semelhança, o padrão, a repetição, a indistinção.



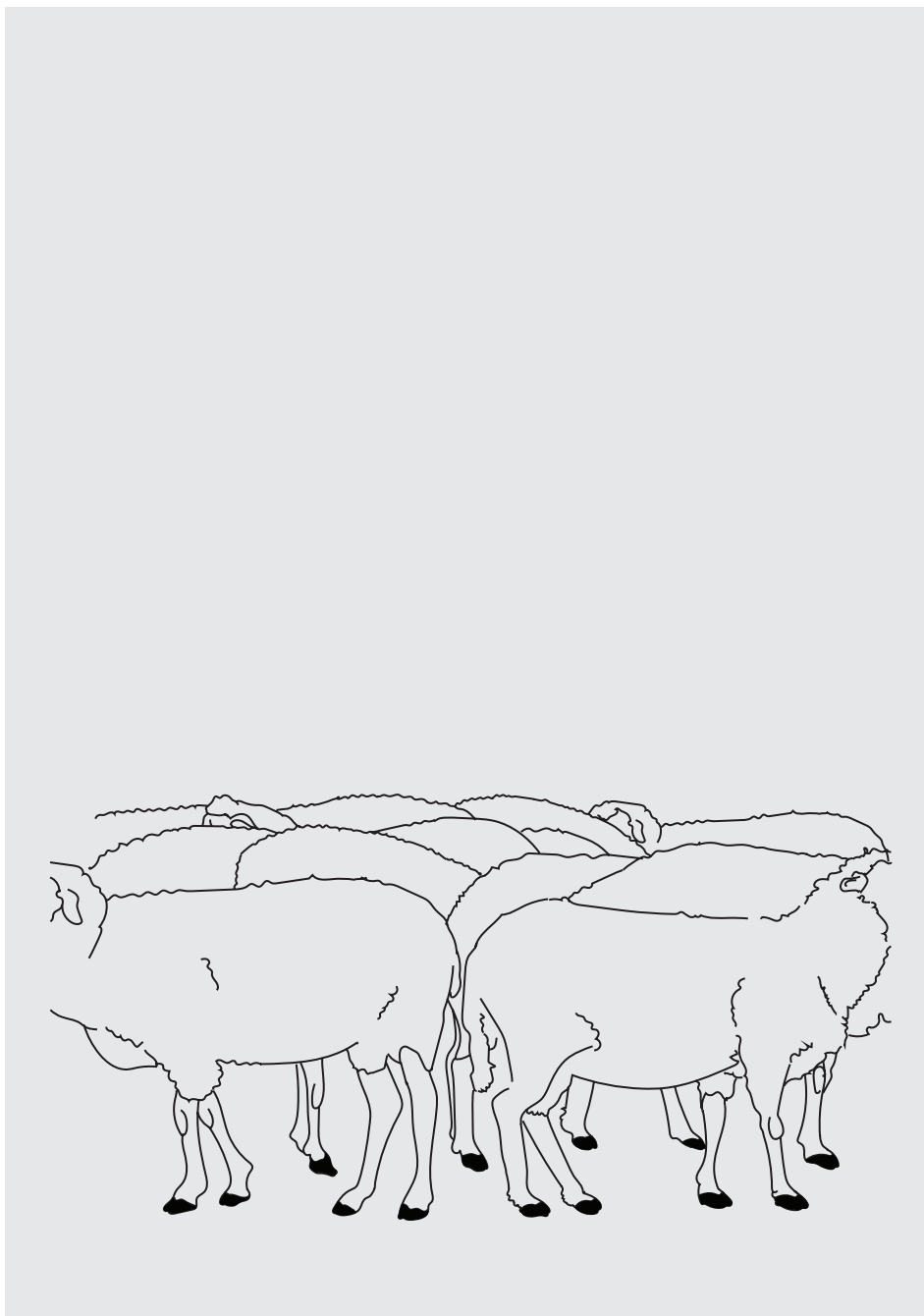
¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



Carta fora do baralho

Apropriamo-nos das palavras invocadas na expressão e pensamos em quatro personagens alusivas aos quatro naipes do baralho de cartas convencional para representar a exclusão.

palavras chave: a inclusão e a exclusão, a unidade e a separação.



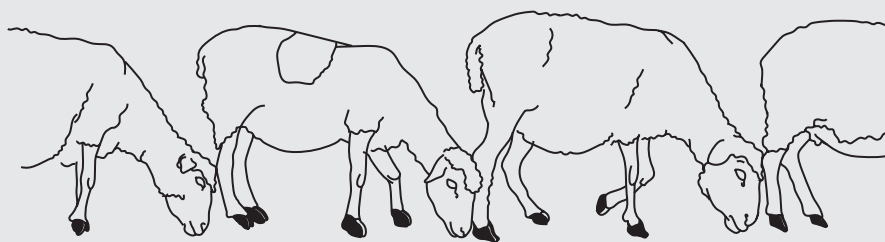
Pano para mangas

“(Não) ter pano para mangas : (não) dispor de alguma coisa em abundância; (não) dispor de muitas possibilidades, recursos; (não) ter uma longa tarefa a executar.”¹

Associamos a expressão ao rebanho de ovelhas na base desta investigação, composto por 120 “cabeças”. Ao presenciarmos as saídas matinais para a pastagem e o recolher ao final da tarde, a imagem que percebemos é de um longo manto branco que se move em contraste com o fundo verde dos campos.

Palavras chave: a abundância, a economia da forma, a indistinção.

¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



Chover no molhado

“Insistir em algo supérfluo, especialmente no que já foi suficientemente debatido, esclarecido.”¹

Em conformidade com a redundância da expressão idiomática ilustramos em linha reta a repetição: na acção e representação formas. As ovelhas alimentam-se de forma encadeada e ordeira, da esquerda para a direita, sugerindo que outras se alimentaram previamente no mesmo local.

Procuramos evidenciar a intenção na montagem do objeto final, onde o texto e a imagem se podem ler ao mesmo nível do olhar e, evitando quebras ou desvios, simular a continuidade.

palavras chave: a comunicação vazia; a repetição, a horizontalidade.

¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



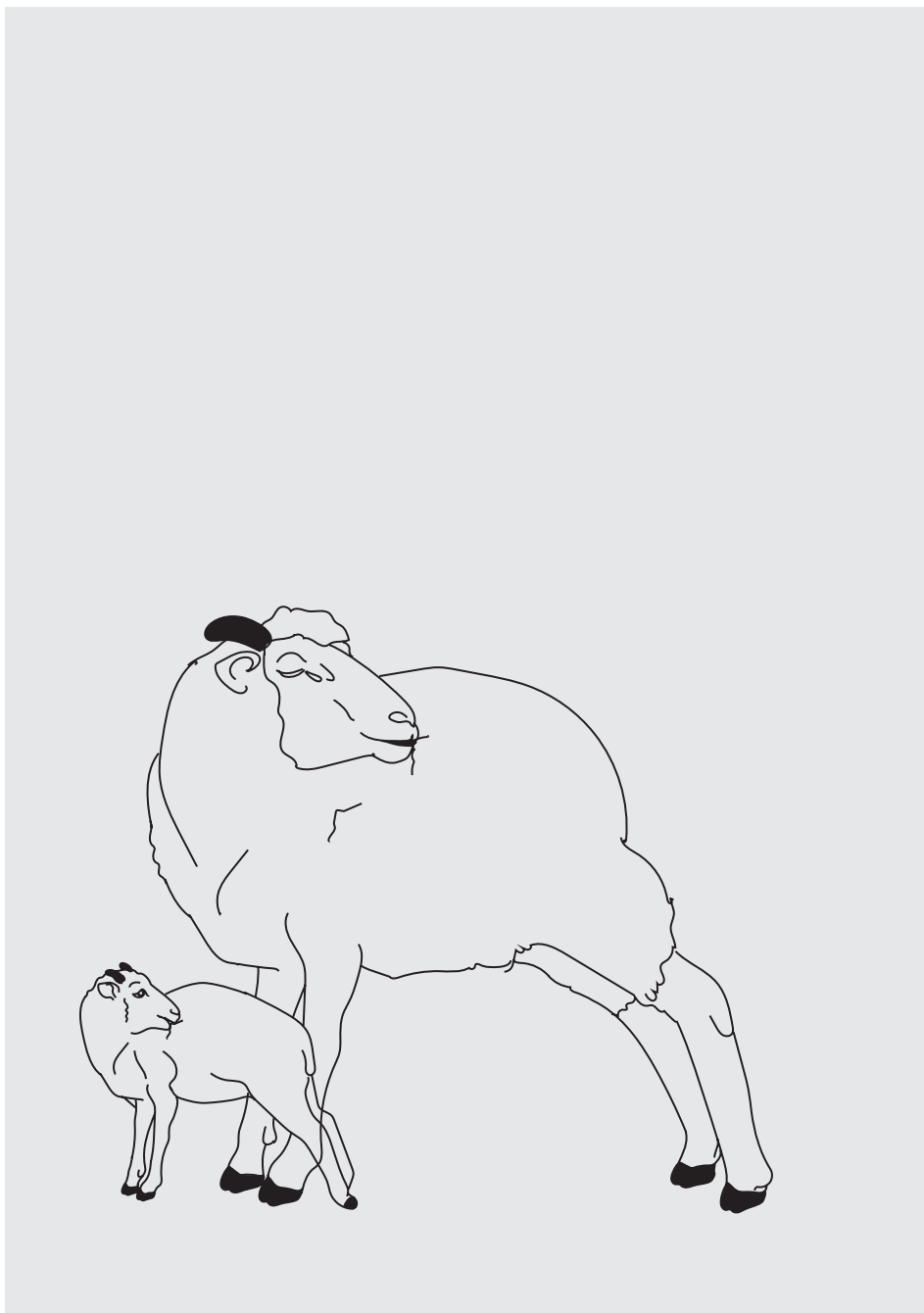
À grande e à francesa

“Com abundância, com aparato, ricamente, luxuosamente. à farta/larga - à regalada/regalona”¹

Para ilustrar recorreremos à mediação entre a expressão e o contexto do nosso objeto de representação. Observando as ovelhas no campo, o exponencial máximo de uma tarde *regalada* consiste simplesmente no conforto de existir, estar, descansar.

Palavras chave: conforto.

¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



Tal pai tal filho

Palavras chave:

o vínculo; a imitação; a cópia, as gerações, o exemplo.

Ao acompanharmos o crescimento de uma criança em seio familiar observamos a dualidade das circunstâncias.

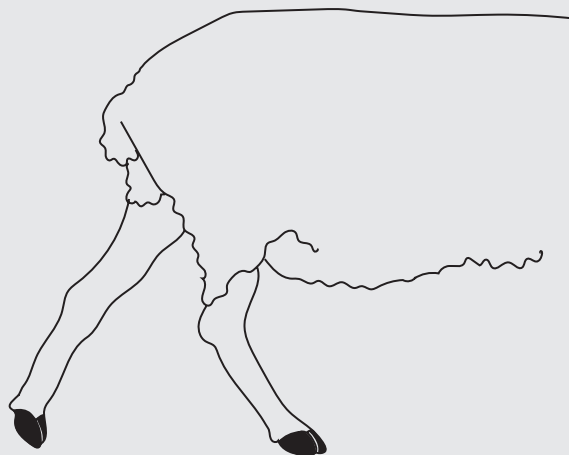
Por um lado, a procura dos traços de semelhança, a comparação dos narizes e das bocas e depois da personalidade. Por outro lado, na perspectiva da criança, há o jogo da imitação, das palavras e dos comportamentos, que vêm na figuras mais velhas o exemplo a seguir.

Meter o nariz onde não é chamado

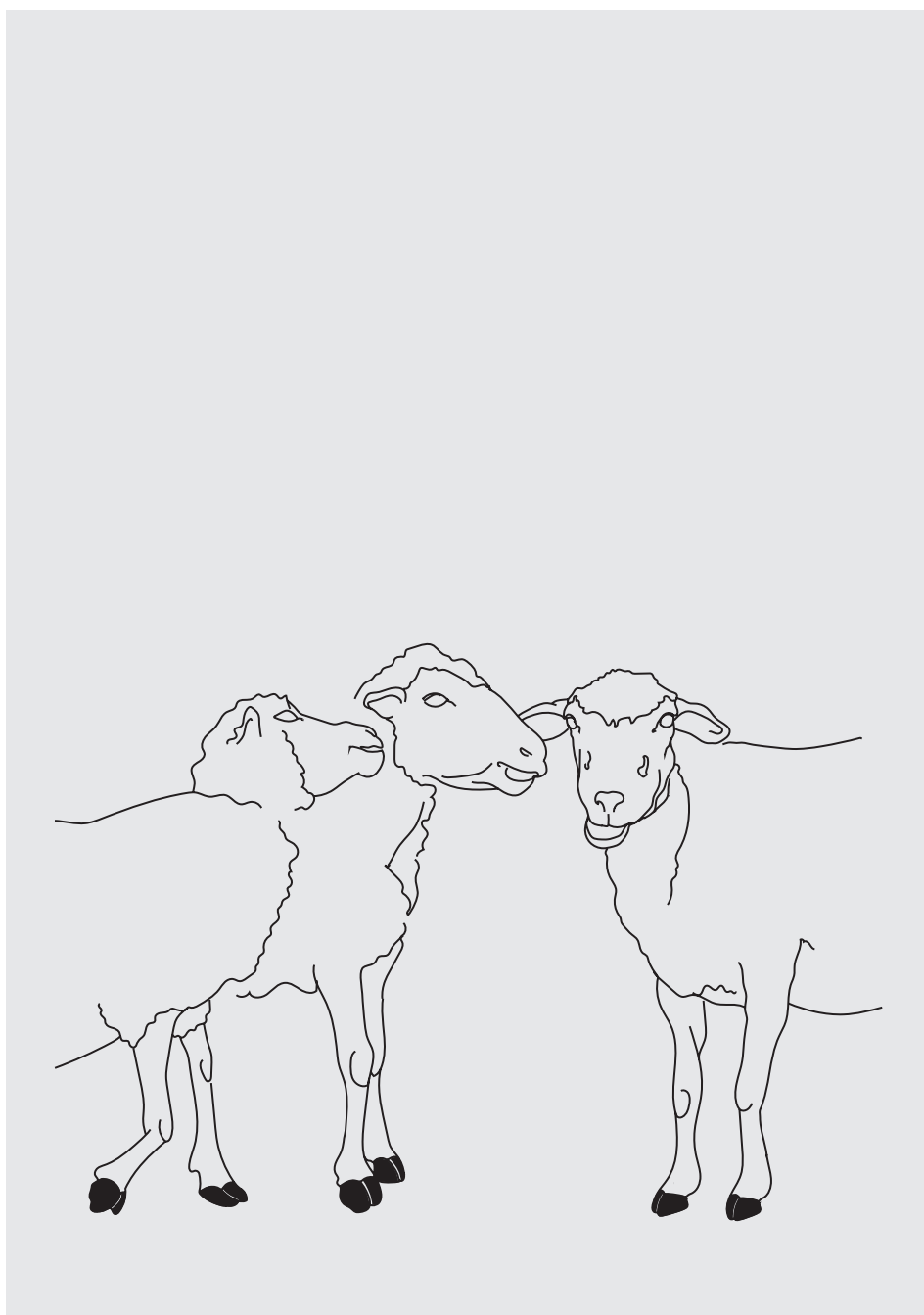
“intrometer-se, imiscuir-se onde não deve.”¹

Palavras chave: a transgressão; o avanço; o lugar

Partimos da implicação da noção de local/lugar/espaco dado pela expressão. Aceitando o lugar como a área contida nos limites da página, é representada a transgressão desse lugar para outro.



¹ “Novos dicionários de expressões idiomáticas”. Nogueira dos Santos. (2000)



Dar com a língua nos dentes

“Revelar, desvendar um segredo, ser indiscreto, denunciar”¹

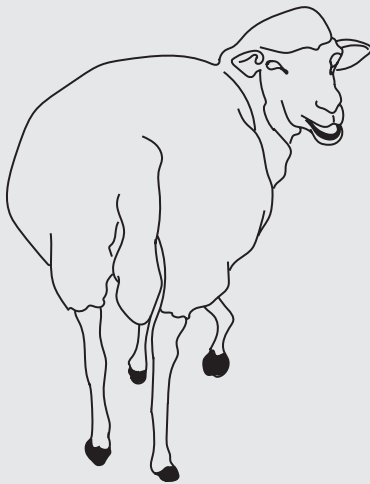
Palavras chave: as relações de desconfiança; a quebra de confiança; transmissão de informação, a indiscrição, a proximidade e o segredo.

Tendo como referência o ato de comunicar, baseado em relações de (des)confiança procuramos estabelecer a proximidade entre os elementos representados e a simultaneidade da revelação e da denúncia.

¹ “Dar à língua: da comunicação às expressões idiomáticas” Guilhermina Jorge e Suzete Jorge (1997)

Quem tem boca vai a Roma

“Quem for esperto vai a qualquer lado”¹



¹ “Dicionário de expressões correntes”.
Orlando Neves. (2000)

O processo criativo desenvolve-se a partir de um conjunto de intenções que podem ou não ser interpretadas. Não obstante, temos a convicção que os critérios utilizados permitem interpretações e extensões narrativas.

Ensaio editoriais

Com vista uma resolução editorial, foi procurado criar um objeto que estabelecesse pontos de contato com o contexto das expressões idiomáticas enquanto vertente significativa da cultura popular. Apelando à manualidade, foi colocado em prática a experimentação de soluções plásticas na construção de um caderno “interativo” e dinâmico que distinguisse a materialidade do livro. Tendo como objetivo criar um objeto de comunicação sobre a oralidade, durante este processo, procurou-se estabelecer correspondências a características da tipologia de caderno da literatura de cordel.

Numa primeira abordagem foi explorado o efeito de raspagem utilizado nos jogos populares designados de “raspadinhas”. Numa primeira fase, o texto foi impresso no suporte de papel, sobreposto por acetato pintado a acrílico. Depois foi utilizado papel de raspagem de cor branco e cinzento. Nestas soluções a raspagem revelou-se funcional e acrescentava o fator de descoberta, contudo, não preenchia os requisitos estéticos, sobrepondo-se e comprometendo a legibilidade da narrativa. Este argumento foi, entretanto, confirmado pelos autores estudados e a necessidade de simultaneidade na leitura entre o texto e a imagem.



Fig. x Experimentação de raspagem em papel Munken 100g.



A designação «literatura de cordel» recobre, no uso dos especialistas, um conjunto imenso e instável de objectos impressos que eram pendurados, para exposição e venda, em cordões distendidos entre dois suportes, presos por alfinetes, pregos ou molas de roupa, em bancas e paredes de madeira, podendo também pender dos braços ou da cintura de vendedores ambulantes”.

(Nogueira 2004, 7)

https://elt.fcsh.unl.pt/?s=literatura+de+cordel&security=57c92a072d&_wp_http_referer=%2Fbooks%2Fliteratura-de-cordel-portuguesa-historia-teoria-e-interpretacao%2F



Fig. x Pormenor da lombada em encadernação artesanal com fio de algodão cinzento e fio norte.

Este processo de experimentação foi acompanhado por uma série de decisões para a previsão de um objeto coerente, na organização gráfica dos elementos e no aspeto geral do objeto, onde foi considerado o suporte em papel e a encadernação artesanal.

No sentido de solucionar as limitações da proposta anterior e de destacar a materialidade do livro, convocamos o conceito de linha associado ao projeto. Para testar a viabilidade desta hipótese, utilizamos linha preta de costura e cosemos as páginas ao texto escrito manualmente em cartões, passando pelas ilustrações. A mobilidade do texto dentro do livro, fisicamente ligado às ilustrações e em analogia à própria natureza das expressões idiomáticas foi uma possibilidade a considerar e que explora o caráter manual do objeto. Contudo, constatamos limitações ao nível de produção e manuseio do livro. Ainda que as limitações de produção iniciais pudessem ser superadas, antecipando a necessidade de um excesso de zelo no manuseio do objeto pela fragilidade da linha de costura, abdicamos desta hipótese.

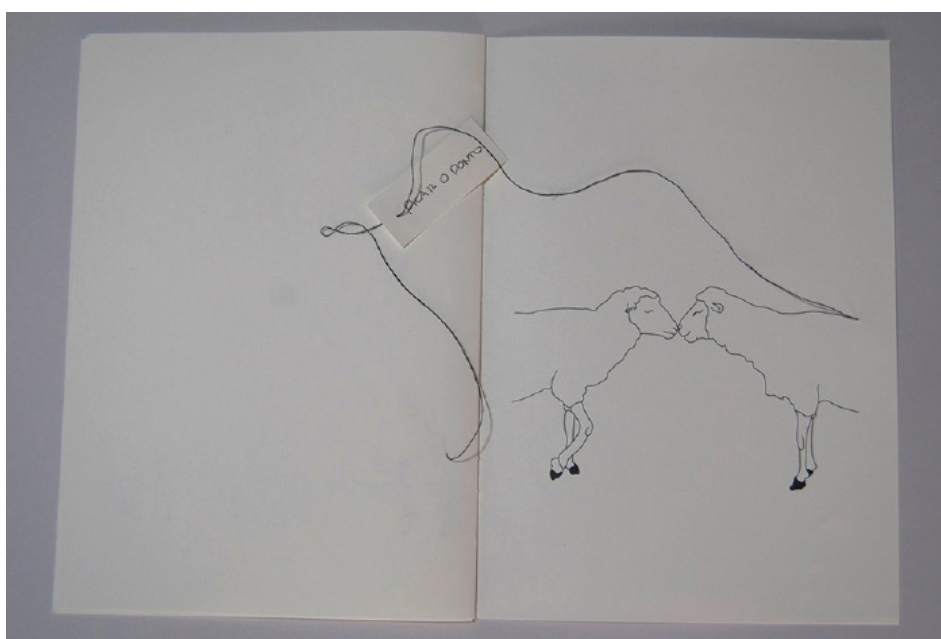


Fig. x Caderno com linha em papel Munken 120g.



“É indiscutível, de facto, a ocorrência de múltiplos aspectos que apelam à associação «cordel» / «popular»: a forma de comercialização ou exposição; a fragilidade da edição; os destinatários privilegiados (digamos, para já, apesar da ambiguidade do termo, «populares»); a brevidade dos textos; a linguagem objectiva, concreta, clara; a economia dos recursos (...); a simplicidade das estruturas e dos enredos; a precipitação da intriga, que dispensa desvios significativos; (...) as emoções inequívocas, contrastantes; as ideias preconcebidas; (...) o comprometimento com a oralidade, etc.”

(Nogueira 2004, 15)

http://lounge.obviousmag.org/memorias_do_subsolo/2013/01/literatura-de-cordel-a-memoria-do-ser-tao-em-folhetos-de-papel.html

Proposta Final - Trinta por Uma Linha

*“Muitas coisas em confusão; grande alarido; zaragata”*¹

Em primeiro lugar, a escolha do título do caderno pretende elogiar a versatilidade das expressões idiomáticas na linguagem de todos os dias, disponíveis para a conversão imagética - mental e concreta; o poder de sintetizar no discurso e que procuramos implementar nas ilustrações; a agilidade associativa, capaz de abrir múltiplos sentidos na significação e, paradoxalmente, promover a eficácia da comunicação.

Revisitando as qualidades das propostas anteriores, nas quais foram ensaiadas características e aspetos formais a concretizar, neste objeto procura-se centralizar as relações entre texto, imagem e suporte tendo como base de produção significativa o universo da cultura popular portuguesa. Neste sentido, o caderno procura estabelecer pontos de contato com características da tipologia da literatura de cordel, enquanto meio de comunicação tradicionalmente popular que marca *“a permeabilidade conectiva entre oralidade e escrita”* (Nogueira 2004, 9) “

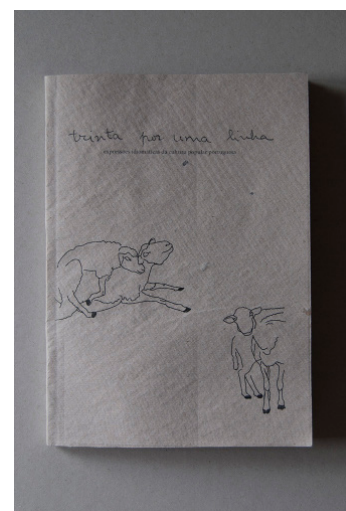


fig. Capa do caderno trinta por uma linha.



Fig. x Caderno “Trinta por uma linha”.

¹ Dicionário de Expressões Correntes, Orlando Neves (2000)

Observando a influência que o suporte pode desempenhar no objecto-livro, no seu grau de significância para a leitura do projeto (Van der Linden 2015) expomos a escolha do papel como fulcral para a mediação das qualidades ambicionadas. Como referido anteriormente, optamos por papel reciclado proveniente da Fábrica do Museu de Papel de Paços de Brandão. As particularidades palpáveis do papel, mas também o seu modo de produção encorajado na tradição da indústria papeleira da região, concorrem para materializar a narrativa do texto e da ilustração, num objeto que pretende valorizar a memória viva da nossa cultura.



Fig. Caderno Trinta por uma Linha.

Das características deste papel sobrevivente, destacamos as texturas de intensidades variáveis, a gramagem irregular e a fragilidade da sua produção.

Relativamente à tipografia - à semelhança da metodologia adotada para a recolha de expressões idiomáticas - foi feito um levantamento de caligrafias manuais. O cunho pessoal de cada caligrafia reflete a diversidade e a riqueza deste nosso património oral e que procuramos incorporar através da composição visual do texto.

O formato do caderno cumpre a familiaridade do convencional A5. A composição gráfica do caderno segue uma organização coerente ao longo da leitura, em disposição de dupla página - texto à esquerda e ilustração à direita - para favorecer uma leitura articulada entre o texto e a imagem e a consideração pela significação global dos elementos.

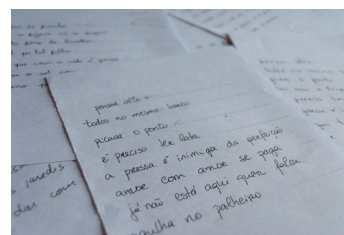


Fig. x Recolha de caligrafias

Às pessoas que participaram neste registo foi pedido que transcrevessem de uma folha A5 para outra folha as expressões, utilizando uma caneta unball preta.

Considerações finais

Conclusões

Antes de mais cabe-nos reconhecer que as expressões idiomáticas são pertença de todos nós e cada um, de forma particular, de acordo com as suas vivências e imaginação lhes atribui imagens mentais únicas, pelo que consideramos este projeto uma narrativa aberta, disponível à crítica e aos demais contributos.

No decorrer desta investigação constatamos que o estudo de expressões idiomáticas, constitui um objeto de análise científica relativamente recente, o que parece ter promovido um exponencial aparecimento de dicionários nos últimos anos (Jorge, 2001), mas não tanto em articulação com a imagem como meio de comunicação. Argumentamos que este ponto de situação seja explorado no nosso caderno, onde as potencialidades imagéticas das expressões idiomáticas são experimentadas o que justifica a pertinência deste projeto. Numa abordagem ao estudo da teoria da imagem, alicerçada nos mecanismos da linguagem, verificamos como a ilustração pode desempenhar um lugar pertinente para a conversão de expressões, o que procuramos implementar no nosso projeto.

O projeto apresenta-se como um contributo à preservação e projeção futura de expressões idiomáticas, ainda em uso, da nossa cultura popular como parte do nosso património imaterial. O caderno Trinta por uma linha simbolicamente sumariza um processo, em reflexão da investigação e de todas as interações resultantes ao longo deste percurso, na partilha sobre o projeto, na recolha de expressões e caligrafias, nas participações em atividades - e que a nosso ver validam a concretização deste objetivo subsidiado pela provocação da memória e do diálogo sobre o tema, compreendendo este espaço de divulgação ampliado na materialização do caderno.

Limitações

Considerando o campo da linguística uma área de estudo alheia à formação da autora deste projeto, a recolha de informação neste domínio prolongou-se no decorrer da investigação. Nos artigos e investigações académicas consultados sobre o tema, o linguista Mário Vilela foi um dos autores mais reiterados a nível nacional, razão pela qual alicerçamos grande parte da informação no autor. (conferencias...)

No decorrer da investigação, à exceção de dicionários, constatamos a dificuldade de acesso a objetos literários que tratem o tema das expressões idiomáticas.

Como referido, o interesse pelo estudo de expressões idiomáticas no âmbito da fraseologia é relativamente recente, o que parece ter promovido um exponencial aparecimento de dicionários nos últimos anos (Guilhermina Jorge), mas não tanto em articulação com a imagem como meio de comunicação. Em contrapartida, esta limitação reflete as motivações em investigar expressões idiomáticas e as suas potencialidades imagéticas e justifica a pertinência deste projeto.

A situação provocada pelo covid-19 foi obviamente constrangedora no desenvolvimento da investigação, provocando atrasos no calendário, sobretudo em duas vertentes: na consulta de informação bibliográfica e na aplicação da metodologia projetual. Durante os períodos mais afetos pela pandemia vimos os acessos condicionados, nomeadamente nas bibliotecas. Esta situação agravou-se devido à condição de consulta local de parte dos livros em estudo. Relativamente ao trabalho de campo o distanciamento físico limitou as interações pelo que tivemos de adaptar as metodologias ao contexto na recolha de expressões a ilustrar e adiar visitas a locais de interesse para o projeto.

A impressão do caderno foi um processo moroso. Devidos às propriedades do papel - a sua fragilidade, as texturas com mais ou menos densidade e gramagem incerta - provocaram o encravamento nas impressoras. Neste processo verificamos como cada folha de papel conferia qualidades de impressão diferentes entre si.

Perspetivas Futuras

Chegado a este momento vemos neste projeto perspectivas de contínua conversão de expressões idiomáticas para a imagem ilustrada. Cremos que a investigação e a produção do caderno “Trinta por uma linha” oferece-nos as bases para o desenvolvimento do tema.

Numa fase embrionária deste projeto foi inclusive exposta a possibilidade de conversão de expressões para a imagem e posterior recontextualização no espaço público. No entanto, esta última vertente ficou, entretanto, estacionada. Considerando a articulação dos temas já em estudo, não se considerou viável, neste horizonte temporal, extensões para outras ramificações. Não obstante, seguir este caminho permitir-nos-á, por um lado, aprofundar a investigação sobre a contextualização da imagem e produzir objetos gráficos adaptados para o espaço público, num formato de livro aberto, que se apresenta ao virar da rua. Visualizamos o recurso a técnicas de impressão, como por exemplo, a serigrafia, para as ilustrações ao ar livre.

Com o nosso projeto, seria também relevante apresentar e propor colaborações junto de identidades. Como por exemplo, o Museu de Papel de Paços de Brandão, na realização de workshops e atividades lúdicas com o objetivo de cativar a comunidade numa proposta assente na sinergia entre o papel sobrevivente e o tema das expressões idiomáticas através da ilustração.

Bibliografia

Almeida, José João. 2003. “Dicionários Dinâmicos Multi-Fonte.” Universidade do Minho. <http://natura.di.uminho.pt/~jj/bib/tesejj.pdf>.

Barthes, Roland. 2009. “Retórica Da Imagem.” In *O Obvio e o Obtuso*, 27–45. Lisboa: Edições 70.

Bibó Porto!. 2016. <https://www.instagram.com/bibo.porto/>

Cascais, Câmara Municipal. 2009. *Michel Giacometti: 80 Anos, 80 Imagens*.
.

Dolbeth, Júlio. 2014. “Convergências Entre Ilustração Contemporânea Em Portugal e Património Popular Português.” Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/82876>

David Hockney. *Travels with Pen, Pencil and Ink*. 1978. Londres: Petersburg Press.

Draghici, Cristina. 2009. “Expressões Idiomáticas Na Área Das Emoções Em Português e Romeno.” Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/1936>.

Eco, Umberto. 1987a. “O Olhar Discreto.” In *A Estrutura Ausente: Introdução à Pesquisa Semiológica*. São Paulo: Perspectiva.

———. 1987b. “O Sinal e o Sentido.” In *A Estrutura Ausente: Introdução à Pesquisa Semiológica*. São Paulo: Perspectiva.

———. 2011. *Como Se Faz Uma Tese Em Ciências Humanas*. Editorial Presença. D.

Eterogêmeas. n.d. “Eterogêmeas.” Lobo Bullying. <https://eterogemeas.com/livros/lobo-bullying/>.

Frayling, Cristopher. 1993. *Research in Art and Design*. Great Britain: Royal College of Art.

Jakobson, Roman. 2007. “A Linguística Nas Suas Relações Com Outras

Ciências.” In Roman Jakobson. *Linguística. Poética. Cinema*, 2nd ed., 11–64. São Paulo: Perspectiva. https://monoskop.org/images/d/d3/Jakobson_Roman_Linguistica_poetica_cinema_2a_ed.pdf.

Joly, Martine. 2007. *Introdução à Análise Da Imagem*. Lisboa: Edições 70.

Jorge, Guilhermina; Jorge, Suzete. 1997. *Dar à Língua: Da Comunicação Às Expressões Idiomáticas*. Lisboa: Cosmos. Microcosmos.

Jorge, Guilhermina. 2001. “Algumas Reflexões Em Torno Das Expressões Idiomáticas Enquanto Elementos Que Participam Na Construção de Uma Identidade Cultural.” *Polifonia* 4: 215–22. https://www.yumpu.com/pt/polifonia_nAo_4.

Lapa, Rodrigues. 1984. *Estilística Da Língua Portuguesa*. 11th ed. Coimbra: Coimbra Editora.

Leal, João. 2000. *Etnografias Portuguesas (1870 - 1970). Cultura Popular e Identidade Nacional*. Lisboa: Dom Quixote.

Luckhardt, Ulrich. 1996. *David Hockney: A Drawing Retrospective*. São Francisco: Chronicle Books.

Manovich, Lev. 2001. *The Language of New Media*. Cambridge: The MIT Press.

Martins, Guilherme d’Oliveira. 2020. *Património Cultural - Realidade Viva*. 1st ed. Lisboa: Ensaios da Fundação.

Mendonça, Luís. 2013. “A Importância Do Ilustrador No Processo Do Livro. Gémeo Luís.” Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/68882>

Nodelman, Perry. 1988. *Words about Pictures: The Narrative Art of Childrens’s Picture Books*. University of Georgia Press.

Nogueira, Carlos. 2004. *O Essencial Sobre a Literatura de Cordel Portuguesa*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Nogueira dos santos, António. 2000. *Novos Dicionários de Expressões Idiomáticas*. 2nd ed. Lisboa: João Sá da Costa.

Pimenta, Rita. 2011. “Ilustrar Sabores Por Cá.” Público, 2011. <https://www.publico.pt/2011/10/16/jornal/ilustrar--sabores-de-ca-23127558>.

Pinto, Alexandra Guedes. 1997. *Publicidade: Um Discurso de Sedução*. Coleção Linguística. Porto: Porto Editora.

Remelhe, Emílio. 2009. “Desenho e Palavra - Notas Sobre a Sua Relação.” Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/7317>.

“RTP Arquivos.” n.d. Povo Que Canta. <https://arquivos.rtp.pt/programas/povo-que-canta/>.

Scheinberger, Felix. 2018. “Ser Ilustrador,” 1–23. www.ggili.com-www.ggili.com.mx.

Topa, Francisco. 2002. “A Tradição Ainda é o Que Era: A Presença Do Cancioneiro Popular Nos Albúns Infanto-Juvenis.” *Revista Da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas*, 545–52. <http://hdl.handle.net/10216/8146>.

UNESCO. 2003. “Textos Base. Convenção de 2003 Para a Salvaguarda Do Património Cultural Imaterial.” In , 1–32. Paris. https://ich.unesco.org/doc/src/2003_Convention-Basic_texts_version_2012-PT.pdf

Van der Linden, Sophie. 2015. *Álbum(Es)*. Barcelona: Ediciones Ekaré.

Vilela, Mário. 1999. “O Seguro Morreu de Velho: Contributo Para Uma Abordagem Cognitiva.” Artigo Em Livro de Atas de Conferência Internacional, 289–314. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8208>.

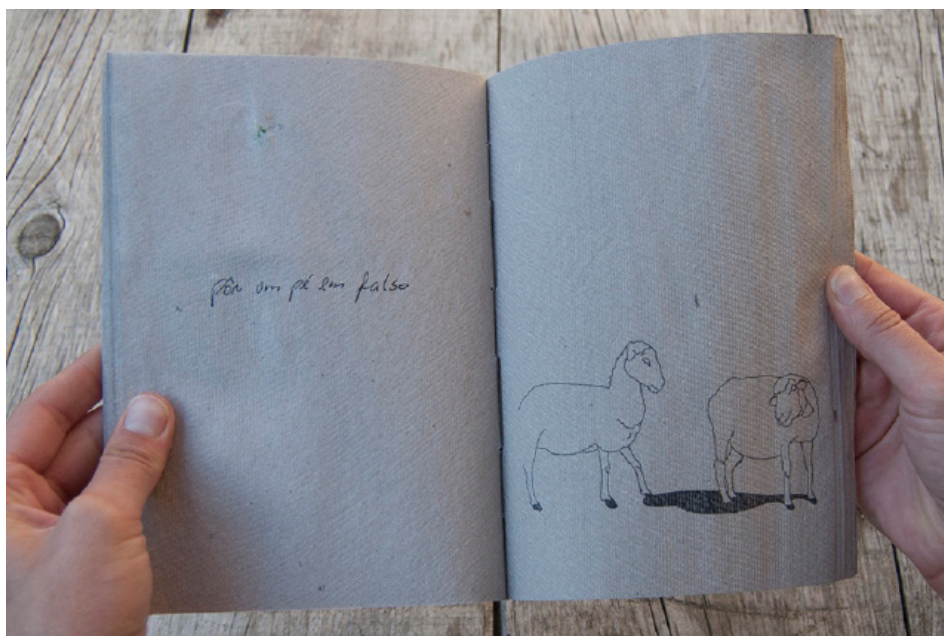
———. 2002. *As Expressões Idiomáticas Na Língua e No Discurso*. Actas Do Encontro Comemorativo Dos 25 Anos Do Centro de Linguística Da Universidade Do Porto. Porto.

———. 2003. “Ter Metáforas à Flor Da Pele (Ou Outra Forma de ‘Ter Nervos’).” In *Língua Portuguesa: Estruturas, Usos e Contrastes*, 317–36. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/18497>.

Anexos

Registos fotográficos do caderno Trinta por uma Linha







Tanta por uma linha explora expressões idiomáticas
da cultura popular portuguesa ensaiando perspectivas
de conversão do registo oral para o universo imagético
através da ilustração.
As expressões idiomáticas passam de boca em boca,
de geração em geração e configuram parte do nosso
património imaterial. Fazem parte do nosso dia-a-dia,
enriquecem o léxico e a eficácia comunicativa e persuasiva.
Ficam enraizadas e surgem-nos quando nenhuma outra
combinação de palavras poderá expressar aquilo
o que nos vai em pensamento. Por um lado, são
económicas e facilmente recordadas, por outro,
apelam ao subentendido e abrem um campo infinito
de possibilidades.

